LAMPIÃO da esquina

Rio de Janeiro, 1980. Cr$ 200,00. • Leitura para maiores de 18 anos

ENTREVISTAS

1 Manuel Puig fala de bichas sonhadoras e mulheres submissas

2 Sartre, antes da morte, abre o jogo e fala de homossexuais

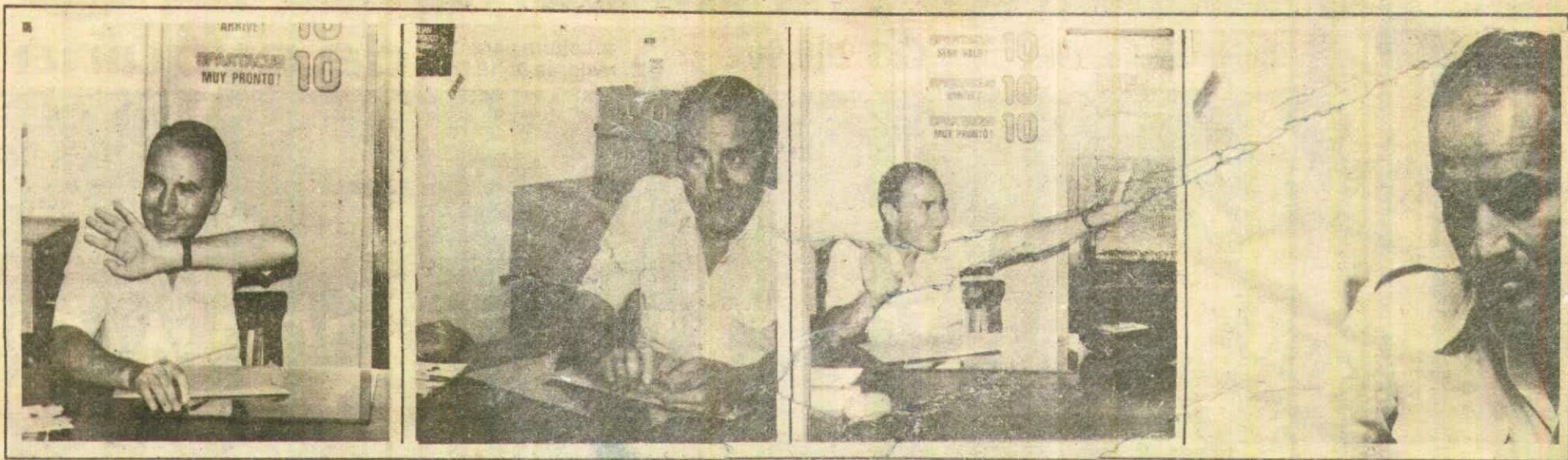
3 2 travestis dão um depoimento vivo sobre o sufoco paulista

4 Movimento Louco-Lésbico: mulher com mulher não dá jacaré

Antonio Carlos Moreira

Acompanha um suplemento especial: o calendário Nus Masculinos/81
Não pode ser vendido separadamente

ENTREVISTA

Manuel Puig fala quase tudo

O namoro entre LAMPIÃO e Manuel Puig é antigo, e já teve até uma espécie de rompimento quando alguém foi dizer a ele, em Nova Iorque, que a gente tinha lançado (imaginem!) uma edição pirata do seu livro "O Beijo da Mulher Aranha". Na verdade, alguns lampiônicos se empenharam pessoalmente em ver o livro publicado no Brasil, acompanhando de perto as negociações com a Editora Civilização Brasileira, primeiro, e com a Livraria Cultura, depois, até que Jaguarette do Pasquim entrou na dança e os direitos de publicação foram comprados pela Codecri.

A entrevista foi marcada para uma segunda-feira de agosto, com os entrevistadores (Francisco Bittencourt, Leila Míccolis, João Carneiro, Alceste Pinheiro, Antônio Carlos Moreira, Marcelo Liberali e eu; Adão Acosta chegou depois) lembrando, preocupados, uma das coisas que se costuma dizer sobre o escritor argentino: "Puig é uma pessoa muito difícil." Ele chegou quinze minutos depois da hora marcada, de bolsa e guarda-chuva (lá fora estava se armando um temporal, e boa parte da entrevista teve como trilha sonora o ribombar dos trovões); e depois de dar alguns autógrafos ("O Beijo da Mulher Aranha" já é "best-seller" até em nossa redação), sentou no local indicado pela fotógrafa Cyntia Martins, pronto para o bate-papo.

Não, Manuel Puig não é a "pessoa difícil" que nos haviam impingido. Na verdade, foi a entrevista mais divertida que LAMPIÃO já fez, com o entrevistado usando e abusando de uma mímica que incluía imaginários grampos de cabelo, pentes, leques de plumas, sombra, baton e rouge, todo um estoque de gestos descontraídos com os quais ele procurava frisar as coisas importantes que dizia. Não se falou de Argentina, mas isso não foi uma falha; o que Manuel Puig tem a dizer sobre o seu país já está nos seus livros, principalmente neste "O Beijo da Mulher Aranha", que tem tanto a ver com todos nós. (Aguinaldo Silva)

Aguinaldo — **Eu li duas críticas brasileiras sobre o teu livro, e nelas os críticos diziam que o personagem Molina, de "O Beijo da Mulher Aranha," é Puig. Você falou isso pra alguém?**

Puig — Não, e até fiquei zangado com isso; desse modo, estão querendo dizer que eu sou homossexual, com fixação feminina e corruptor de menores.

Alceste — **Por estas razões, é que você não gosta de ser comparado ao personagem Molina?**

Puig — Eu não sou o Molina! Temos muitas coisas em comum, mas eu não sou ele!

Aguinaldo — **Como também não é o personagem Valentim...**

Puig — Muito menos Valentim! (**risadas gerais, e uma pausa para situar quem ainda não leu o livro: Molina é uma bichinha; Valentim é um esquerdista monolítico; os dois estão presos na mesma cela de um cárcere argentino. Sacaram o drama, queridinhas?**

Francisco — **Mas cada um deles tem um pouco de você...**

Puig — Bom, sempre os meus protagonistas são uma possibilidade minha; as mulheres e os homens. Eu não poderia ter um protagonista torturador, por exemplo. Eu uso cada personagem como uma maneira de enfrentar problemas meus; através deles eu creio ter mais coragem, mais valor para analisar estes problemas, que diretamente, na vida. Então, meus protagonistas são sempre possibilidades minhas. Por isso um torturador não poderia ser protagonista de uma das minhas novelas; poderia estar lá, talvez como um elemento importante para a ação; mas como eu não compreendo este personagem, não posso desenvolvê-lo.

Alceste — **Mas você reconhece, então, que tem coisas de Molina e de Valentim...**

Puig — É possível...

Alceste — **Mais do Molina, não é? E o que seriam essas coisas?**

Puig — Bom, eu escrevi este romance porque tinha necessidade de um personagem que defendesse o papel da mulher submetida (**outra pausa: Puig desiste do portunhol e anuncia: "Vai tudo em espanhol mesmo, está bem?" Leila e Aguinaldo se olham significativamente: um dos dois terá, depois, que copiar a fita gravada...**). Eu não estava, naquele momento, decidido a trabalhar com um protagonista homossexual. Tinha postergado isto sempre, por uma razão muito clara: é que os leitores heterossexuais tinham tão poucas informações sobre o que era a homossexualidade, que me parecia difícil falar sobre o assunto. Afinal, é sempre com a cumplicidade do leitor que se fabrica um personagem, não é? Então, eu contava com leitores que tinham poucas informações sobre o assunto, e assim, direto, eu preferia não abordá-lo. Mas o que me interessava por em discussão era o papel da mulher submetida; e só me ocorreu um personagem que poderia representá-lo: era um homossexual com fixação feminina! Isso me levou, também, a incluir no livro aquelas notas de pé de página; para que o leitor pudesse se colocar melhor ante a personagem Melina. Sim, porque há muitas questões sexuais que ainda não estão claras; e uma, sem dúvida, é a questão da homossexualidade; até poucos anos não se sabia nada sobre ele; só de uns dez anos para cá é que começaram a aparecer livros, pesquisas, mais informações. Outra questão: quem sabe alguma coisa sobre a sexualidade da mulher depois da menopausa? Quem sabe exatamente o que acontece com ela? O prazer sexual diminui, aumenta, hem? Mistério!

Leila — **Você já pensou em escrever um livro sobre esta questão?**

Puig — Não sei; nunca havia pensado nisso antes.

Aguinaldo — **Mas então "O Beijo da Mulher Aranha" não é um livro de Manuel Puig sobre o homossexualismo. Você acha que fica devendo este livro aos seus leitores?**

Puig — Bom, embora não tenha sido esta a intenção inicial, acho que o livro acabou se tornando uma discussão sobre a homossexualidade. Agora o meu próximo projeto é um livro sobre um bofe brasileiro... (**Risadas gerais. Alguém, não identificado, proclama: "Esse personagem, Puig, a gente conhece muito bem.**

Francisco — **Eu discordo de Aguinaldo; acho que "O Beijo da Mulher Aranha" é um livro sobre o homossexualismo, sim. E não há ninguém mais homossexual que este Molina, que eu diria, inclusive, que é autobiográfico. Por exemplo: aqueles filmes que ele conta, e que eu vi todos...**

Puig — Não são os meus mitos!

Francisco — **... Eu sei que não são. Aqueles filmes você viu na adolescência, não é?**

Puig — Infância...

Francisco — **Eu me lembro de todos eles: "Sangue de Pantera"...**

Puig — Este eu usei todo. "A morta Viva" também. "Sem Milagre de Amor" é que eu só usei a primeira parte; a segunda era tão ruim que a reescrevi, quer dizer, Molina reescreveu. O da alemã é inventado.

Francisco — **Mas não é "O Judeu Errante"?**

Puig — Não; é invenção minha. Mas veja bem: estes filmes não são os meus mitos, e sim, de Molina. Meu cinema preferido é aquele dos primeiros anos da década de 30, quando os gêneros cinematográficos ainda não estavam completamente estabelecidos, apareciam misturados no mesmo filme. Sternberg, Lubistch, etc.

Aguinaldo — **No Brasil, a gente já pode dizer que há uma tradição de novelas homossexuais, ou que abordam o tema. Você sabe de alguma coisa parecida na Argentina? Por exemplo: tem uma novela de Júlio Cortazar, "Los Prêmios", que tem um personagem homossexual.**

Puig — Bom, eu não sou a melhor fonte pra falar sobre isso, porque minhas leituras são muito limitadas. Não tenho vergonha de dizer isso, porque minha formação foi outra, foi cinematográfica, eu tenho muita dificuldade de me concentrar na leitura, trabalho o dia inteiro, e à noite, se resolver ler um livro de ficção, me dá vontade de reescrevê-lo; assim, prefiro ler biografias, ensaios, etc. Ficção, nunca. (**Nesse ponto da entrevista, a meia-dúzia de escritores presentes murcha de decpção; quem pretendia oferecer um dos seus livros a Puig desistiu na hora**). Leitura, pra mim, só se não tiver estilo, porque se tiver, ai!, me dá um troço na hora, eu pego a caneta e começo a consertar...

Aguinaldo — **Pois é, você se preparou pra fazer cinema. E como é que veio parar na literatura?**

Puig — Bom, na verdade, eu estava escrevendo um roteiro; o momento em que este roteiro se transformou em novela ("**Boquinhas Pintadas": foi o primeiro livro de Puig**) eu nã o sei bem como foi, porque foi uma coisa que aconteceu sozinha Acho que foi porque, pela primeira vez, estava trabalhando com material autobiográfico. Antes, nos meus roteiros, eu fazia cópias de filmes antigos; o que me excitava era copiar, e não criar. Mas quando resolvi escrever um roteiro a partir de um tema autobiográfico, precisei de muito mais espaço, e assim surgiu uma novela.

Alceste — **Foi uma questão de comodidade, então?**

Puig — Não; de exigência do tema; ele me pediu um tratamento analítico, e não sintético; isso só seria possível numa novela.

João Carneiro — **Voltando a essa história de você não gostar de ler: como é, então, que você fez aquela pesquisa sobre homossexualismo incluída nas notas de pé de página de "O Beijo da Mulher Aranha"?**

Puig — Bom, aquilo não me custou nada, porque não era ficção; meu problema é apenas com a leitura de ficção.

Alceste — **Mas qual foi sua intenção, ao colocar no livro aquelas notas?**

Puig — Já disse: foi explicar melhor o personagem Molina. Veja, eu pensei particularmente na Espanha de Franco; naqueles jovens de província, que estavam saindo de toda aquela repressão, que nunca tinham lido sequer Freud... Eles não sabiam nada sobre a homossexualidade; como iam entender o Molina sem aquelas notas?

João Carneiro — **Pra mim você escreveu um livro não apenas sobre o homossexualismo, mas também sobre a sexualidade; o que se discute no seu livro é a questão sexual. Eu acho muito importante esta saída do gueto...**

Puig — Ah, sim, eu me preocupo muito com essa questão do gueto, principalmente por causa do tempo que vivi em Nova Iorque. Lá são criados verdadeiros guetos, e eu não creio que esta seja uma saída correta para o problema. Isso já acontece com esta forma limitada de sexualidade que é a heterossexualidade: os heterossexuais têm seus próprios lugares, por exemplo, e eu acho loucura pensar que este é um padrão a seguir, quer dizer, que os homossexuais também criem seus próprios lugares e se isolem neles.

João Carneiro — **De qualquer modo me parece que você articula a cela, no livro, como um duplo gueto: o gueto de uma sexualidade alienada, e o gueto de uma militância política alienada. E aí é que, pra mim, pintou uma contradição: você acaba liberando muito mais o militante político do que o homossexual... Molina termina, no livro, quase tão alienado quanto começou; ele apenas serve de instrumento para a liberação de Valentim.**

Puig — Bom, esse tipo de homossexual, com a idade de Molina, já tem certos valores estabelecidos, uma certa formação da qual ele não pode se livrar. O terrível da sexualidade, me parece, é que, a partir de certa idade, ela cristaliza certas formas eróticas, certos moldes eróticos dos quais dificilmente se pode sair.

Alceste — **Neste ponto o seu livro é perfeito: você descreve Molina com características bem conservadoras. Por exemplo, tem um momento em que ele está falando do garçon, do seu namorado. Valentim lhe pergunta: "É casado?" Ele responde: "Sim; é um homem normal."**

Puig — Pois é: ele não tem dúvidas sobre os seus mitos. Ele acredita no macho, é um macho que ele quer.

Leila — **Seus livros sempre foram muito bem recebidos pela crítica. Mas eu noto, em relação a "O Beijo da Mulher Aranha", uma certa severidade. A que você atribui isso?**

Puig — Bom, eu encontrei muitas dificuldades para publicar este livro. Na Espanha, não, porque eu vendo muito lá, e o editor sabia que ia ganhar dinheiro com o livro. Porém na Itália, por exemplo: lá o meu editor era Feltrineli, que é a editora mais à esquerda; ele rejeitou o livro.

Aguinaldo — **O livro chegou a ser vendido na Argentina?**

Puig — Não, está proibido. Eu já tinha saído de lá há sete anos, quando "O Bejo da Mulher Aranha" foi lançado na Espanha. Saí logo depois que proibiram outro livro meu, "The Buenos Aires Affair", aí começaram os problemas. Isso foi no governo de Peron, mas depois a junta militar do General Videla renovou a proibição. Ah, voltando às dificuldades: a Gallimard, na França, também rejeitou o livro. Quanto aos críticos, sempre batiam na mesma tecla: diziam que ele era sentimental demais, etc.. Mas é um livro com sorte, porque as pessoas o lêem; para o leitor médio, ele funciona.

Aguinaldo — **Vendeu tanto quanto os outros livros seus?**

Puig — Vendeu mais.

ENTREVISTA

Alceste — **Além dessa mensagem para a esquerda, que você colocou no personagem Valentim, eu sinto que em seu livro também há um recado para os católicos, através de todos aqueles valores tomistas que o mesmo Valentim carrega dentro de si. Por exemplo, quando os dois discutem o que é ser homem, ele diz que ser homem é não humilhar o próximo, é respeitá-lo etc.; aí Molina comenta: "Isso não é ser homem; é ser santo".**

Puig — Bom, isso eu tirei de uma pessoa real.

Alceste — **Quer dizer que Valentim existiu?**

Puig — Em parte. Eu não tinha nenhumn contato com a guerrilha argentina. Mas em maio de 73, quando libertaram alguns presos, um amigo meu me levou a eles, e então fiz uma pesquisa, já com a intenção de escrever o livro. Na verdade, pensei em fazê-lo no final de 1972, dedicado especialmente a um amigo meu. Porque meus livros também têm essa intenção: eu os escrevo porque desejo mostrar a alguém que ele está equivocado num determinado assunto. Foi assim com "A Traição de Rita Hayworth". Um amigo meu, companheiro de vissicitudes no cinema italiano me dizia, "ah, que coisa, nós com nossa formação de espectadores infantis, dominados por uma mãe que nos arruinou a vida... "E eu lhe respondia: "Foi teu pai quem te arruinou a vida!" Sim, porque todos os que tinham problemas culpavam as mães superprotetoras, enquanto os pais indiferentes ficavam livres de toda a culpa. Então, eu me ergui, e disse," basta!, é preciso defender as santas!". E como o tal sujeito era muito inteligente, tinha uma dialética arrasadora, eu me enchi de raiva e escrevi o livro. No caso de "O Beijo da Mulher Aranha," ele foi escrito para uma pessoa que me disse uma vez: "E você sabe lá o que é um homem!"; era um mexiano... (**Puig é muito enfático em todo esse trecho da entrevista; ampara as palavras numa mímica riquíssima, e transforma os entrevistadores em platéia, provocando neles a reação que lhe parece mais conveniente. Nesse trecho, todos riem**). Bom, o fato é que eu tenho o raciocínio lento; muitas vezes escuto uma coisa dessas e não sei como responder na hora. O resultado é que, depois, o ressentimento cresce de tal forma que explode num livro...

Alceste — **E quanto ao tal livro sobre o bofe brasileiro? É pra responder a quem?**

Puig — Não dá pra dizer. (**A resposta evasiva é acompanhada de uma mímica especial: ele finge pôr alguns grampos no cabelo**)

Francisco — (irônico)**Ah, então é isso, não é?**

Puig — Mas antes de escrevê-lo eu já tinha outro livro pronto: "Maldição Eterna a Quem Leia Estas Páginas". E um que foi publicado depois de "O Beijo". O título é "Pubis Angelical".

Francisco — **Você está morando no Brasil, não é? E está trabalhando numa versão teatral de "O Beijo..." Dá pra falar sobre isso?**

Puig — Bom, o Brasil sempre me fascinou. Quando ainda estava na Argentina, sempre que viajava para a Europa, os Estados Unidos, dava um jeito de parar no Brasil; tem uma coisa brasileira que sempre me fascinou: a possibilidade de ser espontâneo, coisa que para os argentinos lhes custa muito.

Francisco — **A você não custa tanto assim; você é muito espontâneo.**

Aguinado — **Mas foi só por isso que você veio morar no Brasil?**

Puig — Ahn... Uhn...

Alceste — **Alguma história de amor?**

Puig — Ahn... Uhn... Bom, gente bonita há em outros países também. Mas aqui há uma combinação muito especial. Além disso, meus problemas de saúde; tenho que fazer exercícios, ir à praia todo dia, e é muito difícil pra mim viver numa cidade pequena. O Rio é a única cidade grande que eu conheço com praias. (**A explicação não convence; todos protestam; alguém diz que Puig está fugindo do assunto; Alceste não podia ser mais explícito; pergunta, com seu vozeirão: "Foi por causa de um bofe?". Puig: "Ahn... Uhn...."**)

Aguinaldo — **E essa mudança interferiu de alguma maneira em seu trabalho?**

Puig — Pelo contrário. Tenho trabalhado bastante. Tanto que pretendia escrever alguma coisa sobre a Argentina, mas aí um personagem se atravessou no meio do meu trabalho.

Leila — **O tal bofe...**

Puig — Ahn... Uhn... Quanto à versão teatral de "O Beijo da Mulher Aranha", quem me procurou, aqui no Brasil, foi Dina Sfat. Na Itália já tinham feito uma, que fez muito sucesso. Quando Dina me procurou, aqui no Brasil, seu entusiasmo em relação ao trabalho acabou me contagiando; começamos a falar sobre eles, e tanto falamos que eu acabei fazendo a adaptação: ela já está pronta, e a própria Dina vai produzi-la e dirigi-la.

A partir da esquerda: Aguinaldo, Francisco, Alceste e o entrevistado

Leila — **Voltando ao começo: você disse que em "O Beijo..." queria falar da questão da mulher submetida. Pronta a obra, você acha que essa intenção ainda ficou de pé, ou acabou diluída num projeto mais amplo? Houve alguma reação de feministas, por exemplo, em relação ao livro?**

Puig — Não, eu creio que essa intenção permaneceu em primeiro plano. porque as mulheres são as principais defensoras dessa novela. Primeiro eu gostaria de lhe dizer qual o meu conceito de feminino; pra mim, ele se resume a três coisas: sensibilidade, reflexão e insegurança, esta última, também, como uma virtude. Mais precisamente, meu último livro, "Pubis Angelical", é uma discussão feminista; é a história de uma jovem que se encontra com a revolução sexual, e que reage como pode, não como quer. Nos dois casos, eu escolhi protagonistas fracos. Molina é fraco; há homossexuais bem mais fortes que ele, mais lúcidos, etc. A mulher de "Pubis Angelical" também não é a mais inteligente das mulheres. Minha intenção, com isso, é fazer com que o leitor perceba o problema dos personagens e reaja em relação a ele.

Marcelo — **Mas o Molina, dentro da fragilidade dele, da alienação, ele consegue dar o seu recado.**

Alceste — **E depois, esse tipo de homossexual existe mesmo...**

Francisco — **E é comovente em sua fragilidade...**

Aguinaldo — **Não acho que seja frágil; acho que ele é paciente...**

Puig — Mas um grupo de liberação homossexual norte-americano me cobrou um personagem forte...

Aguinaldo — **Acho que este tipo de homossexual ativista, monolítico, é que é frágil; ele acaba sendo igual ao Valentim...**

Leila — **Você viveu onde?**

Puig — Antes, estudei cinema na Itália. Depois, nesta fase de exílio, vivi no México, nos Estados Unidos e na Espanha.

Leila — **Nestes países você manteve contatos com grupos homossexuais? Como é que você vê estes movimentos?**

Puig — Sempre de modo muito positivo. Apenas, nos Estados Unidos, há essa tendência para a separação, para o gueto. Creio que não se deve perder de vista o fim último da liberação, que é a sexualidade total. Está bem, vamos defender uma posição de minoria atacada, unir-se para se defender melhor, porém não pensar que este é o ponto final. Porque assim os heterossexuais também estariam certos ao defender suas posições fechadas.

João Carneiro — **Você disse que um grupo homossexual norte-americano não gostou da fragilidade de Molina; queriam um homossexual forte. Pois aqui no Rio, seu livro tem sido muito discutido nos grupos, e eu noto uma solidariedade muito grande das pessoas em relação àquele personagem. Me parece que o mais importante do seu livro, nesse aspecto, é que ele deixa bem claro que é inevitável um diálogo entre homossexuais e heterossexuais. Você poderia falar sobre isso?**

Puig — O problema com os norte-americanos está numa valorização talvez inconsciente do masculino. Para mim trata-se de um equivoco, pois o que é preciso é reivindicar o aspecto positivo do feminino. Porque de machos...

Aguinaldo — **...A gente já está de saco cheio!**

Puig — Claro, já temos em demasia estes ditadores, suas hipocrisias!

Alceste — **Eu sempre achei essa fixação dos gueis norte-americanos no masculino uma coisa muito à direita; não sei se você concorda.**

Puig — Totalmente. Pra mim, isso é fascismo.

Alceste — **Inclusive os ditadores assumem essa mesma postura: são todos "muy machos" não é?**

Puig — é que para os americanos, também, é muito difícil elaborar a questão do feminino, porque eles têm elementos muito fortes de matriarcado. Nos nossos países, não: a mulher sempre esteve ao lado dos perdedores.

Francisco — **A mulher é um mistério tanto no lado heterossexual, como no lado homossexual.**

Leila — **É. Nos dois lados ela continua oprimida por uma mentalidade patriarcal que faz com que ela seja oprimida em qualquer lado que esteja.**

Aguinaldo — **Mistério mesmo. Um dia desses eu estava conversando com uma pessoa heterossexual sobre o órgão genital feminino. Aí eu lembrei um detalhe que ele desconhecia. Então eu lhe perguntei, "mas como, você nunca procurou ver como é que é?" E ele: "Não; eu como, mas nem olho..."**

Leila — **Que horror!**

Aguinaldo — **Quer dizer, o cara vive apregoando que gosta de xota; na verdade, ele tem é pavor!**

Leila — **Você vai viajar agora, não é?**

Puig — Sim, para os Estados Unidos. Tenho uma oficina literária na Universidade de Columbia.

Alceste — **Já que está nos seus planos um livro**

ENTREVISTA

sobre o tal bofe brasileiro, eu pergunto: o que é que você acha do homem brasileiro?

Aguinaldo — **Inclusive fisicamente?**

Alceste — **Claro!**

Puig — Ahn... Uhn...

Leila — **Você chegou aqui no carnaval, não foi? Você pulou muito?**

Puig — Não. O meu samba tem uma coreografia muito influenciada por Hollywood. Carmem Miranda, etc. Aqui me olham com grande desprezo quando eu começo a dançar...

Aguinaldo — **Você ainda vai muito ao cinema?**

Puig — Sim. Mas acho que o realismo acabou com o cinema. Filmes como "La Luna" e "All That Jazz" me fazem chegar à conclusão que o cinema pode ser a última forma de tortura...

(Aqui começa uma longa discussão sobre cinema; fala-se de cinema brasileiro; Puig informa que, após a entrevista, pretende ir ao Cine Orly, na Cinelândia, ver "República dos Assassinos"; Alceste lhe diz que no Orly as pessoas nunca vêem os filmes, fazem outras coisas. Puig sorri, feliz. Alguém lhe pergunta se ele viu um filme brasileiro recente, de grande sucesso. Ele diz que sim; ante outra pergunta __ "O que você achou?" __, ele pede, antes de responder, que desliguem o gravador)

João Carneiro — **Já se falou nisso, aqui, de outra forma, mas eu gostaria de insistir: me parece que em sua obra existe uma mensagem cristã; você teve uma formação cristã?**

Puig — Bom, me interessa, da mensagem de Cristo, o resgate do feminino. Cristo assumiu muito este lado feminino, de doçura, de suavidade, mas a Igreja nunca encarou este fato. Quanto à formação cristã, não sei...

Aguinaldo — **Você tem sido procurado por estudantes brasileiros interessados em sua obra? Como têm sido os seus contatos com eles?**

Puig — Oh, estes contatos apenas começam. Estou interessado mesmo é em contactar o pessoal de cinema. Tem um filme cujo roteiro eu escrevi: foi filmado no México e o protagonista é um travesti; ganhou prêmios em festivais internacionais, etc...

Adão — **Este filme estava pra ser lançado aqui; era da Pelmex. A cooperativa, que comprou o Ricamar, prometeu fazer uma première, mas depois ninguém falou mais no assunto.**

Aguinaldo — **Alô, alô, pessoal da cooperativa: que tal lançar o tal filme? A gente garante o sucesso... Escuta, Puig, quantas horas você trabalha por dia?**

Puig — Ah, o dia inteiro. Porque tenho muitas traduções, muitas revisões, muita correspondência.

Aguinaldo — **Mas se você trabalha praticamente todo o dia, quando é que faz as outras coisas?**

Puig — Eu creio que trabalho tanto porque não tenho muita facilidade para conseguir as outras coisas...

Puig fala, Leila Míccolis sorri

Leila — **Não acredito... Bom, a fita está quase acabando; o jornal, como você sabe, é dirigido às minorias; há alguma coisa que você queira dizer especialmente? Alguma coisa dirigida às mulheres, aos negros...**

Puig — Você disse negros. Bom, quando surgiu aquele assunto, "porque eu escolhi o Brasil para morar", etc.; bom, suponho que esta diferença que há aqui em relação à Argentina, essa possibilidade de ser espontâneo, eu diria mesmo até uma certa alegria de viver, têm que ver com...

Francisco — **La sangre negra...**

Puig — ...Sim, porque suponho que o inconsciente coletivo da raça negra é mais saudável, porque esteve durante menos séculos exposto a uma cultura repressiva.

Alceste — **Engraçado, todos os estrangeiros chegam aqui e encontram essa tal alegria de viver...**

Puig — Mas isto me parece que é uma coisa, uma contribuição da raça negra; ela representa uma sabedoria ancestral. Era sobre isso que eu queria falar, por último. Agora, repetindo o que nós dissemos sobre o fascínio dos homossexuais norte-americanos em relação ao elemento masculino, é bom terminar dizendo que de machos...

Aguinaldo — **A gente já está de saco cheio!**

(Um coro alegre encerra a entrevista. Todos juntos: "É isso aí)

Livros novos na Biblioteca Universal Guei

Estes livros falam de você: suas paixões e problemas, suas alegrias e tormentos. Leia-os.

A LONGA ESPERA DO PASSADO
Gore Vidal
206 páginas, Cr$ 230,00
"The City and the Pillar", um clássico da literatura norte-americana; o primeiro romance a abordar abertamente o tema da homossexualidade naquele país. Uma história de amor entre dois homens que atravessam as incompreensões e aos anos. "um livro emocionante, que comoverá a todos os seus leitores", disse o New York Herald Tribune. Do mesmo autor de "Myra Beckirindge"

OS HOMOSSEXUAIS
Marc Daniel e André Baudry
173 páginas, Cr$ 210,00
Um livro pedagógico, escrito por dois especialistas franceses para substituir nas bancas e livrarias as obras análogas eróticas, sensacionalistas, comerciais, etc... Um livro escrito com o intuito de desmistificar o homossexualismo enquanto assunto tabu. Uma das primeiras obras a tratar a homossexualidade, na França, não como uma anomalia ou perversão, mas tão-somente como um fato que condiciona a vida de milhões de homens e mulheres em todo o mundo.

POR QUE MATARAM PASOLINI?
Daniel L. Pastura
97 páginas, Cr$ 200,00
O sexo como uma das mais cruéis medidas do homem. Duas histórias personalíssimas de um autor que ainda vai dar muito o que falar.

Peça pelo reembolso postal à à Esquina — Editora (Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ)

O DIGNO DO HOMEM
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 1.000,00
Um livro rabelesiano, sem igual no Brasil, na sua vertigem erótico-quixotesca. Publicado em 1957, é uma antevisão das viagens psicodélicas. Edição especial do autor, em papel de luxo, de apenas 200 exemplares. Estamos vendendo os últimos exemplares.

BLUE JEANS
Zenm Wilde e Wanderlei Aguiar Bragança
61 páginas, Cr$ 150,00
As venturas e desventuras de cinco rapazes, todos michês. Um estudo em negro sobre a prostituição masculina, escrito a partir de depoimentos recolhidos pelos autores nos locais de "pegação", da Galeria Alaska à esquina de Ipiranga com São João, da Cinelândia ao Largo do Arouche.

INTERNATO
Paulo Hecker Filho
72 páginas, Cr$ 220,00
A história de um grande amor homossexual adolescente. A novela, publicada em 1951, é pioneira no tema, no Brasil. Paulo Hecker Filho, escritor gaúcho, estreou na literatura aos 22 anos. Internato é a terceira obra do autor, que escandalizou a pacata intelligentsia nacional da época.

TEOREMAMBO
Darcy Penteado
108 páginas, Cr$ 150,00
Um Papai Noel muito louco, uma bichinha sorveteira, uma fada madrinha desligada, a história do bofe a prazo fixo: muito humor e muito non sense no novo livro do autor de A Meta e Crescilda e Espartanos.

EU, RUDDY
60 PÁGINAS; Cr$ 500,00
Luxuosa edição dos poemas do coiffeur, travesti, poeta, "estrela", pai de família, José Maria de Pinho. Com fotos ousadíssimos do autor, feitas pela divina Vânia Toledo. Obra para colecionadores. Um poeta que estréia sob as bençãos de Ferreira Gullar.

COMPANHEIRO
Walker Luna
100 páginas, Cr$ 150,00
"Não é bem este tipo de amor que atinge a tantos". Publicado em 1979, o livro de poemas de Walker Luna traduz sua vocação de poeta confessional, que tem o poder de dizer o que apenas se advinha e de advinhar o que não se ousa dizer como homem e como amante.

MULHERES DA VIDA
vários autores
77 páginas, Cr$ 120,00
Norma Benguell, Leila Mícolis, Isabel Câmara, Socorro Trindad e outras mulheres quentíssimas mostram neste livro a nova poesia das mulheres que não se conformam com a pressão machista e tenta inventar sua própria linguagem. A poesia feita nos bares, calçadas, ônibus, boates, prisões, manicômios e bordéis.

O CRIME ANTES DA FESTA
Aguinaldo Silva
136 páginas, Cr$ 140,00
Através da história de Ângela Diniz e seus amigos, que ele trata como se fosse ficção, o autor interpreta e esclarece todas as conotações de um instante dramático de nossa alta sociedade. Um libelo contra o machismo e a opressão.

NO PAÍS DAS SOMBRAS
Aguinaldo Silva
97 páginas, Cr$ 150,00
Dois soldados portugueses vivem um grande amor em pleno Brasil colonial; envolvidos numa conspiração forjada, acabam na forca. A história recontada a partir de 1968 faz um levantamento de quatro séculos de repressão.

REPÚBLICA DOS ASSASSINOS
Aguinaldo Silva
157 páginas, Cr$ 180,00
Bichas, piranhas e pivetes enfrentam o Esquadrão da Morte (e vencem!). A incrível história de um dos períodos mais conturbados da vida brasileira, de 1969 a 1975, tendo como pano de fundo os cenários do submundo carioca.

TESTAMENTO DE JÔNATAS DEIXADO A DAVI
João Silvério Trevisan
139 páginas, Cr$ 150,00
Uma viagem do autor em busca de si mesmo. Anos de estrada, de solidão e fome assumidos num livro escrito com suor e sangue: nestes contos, a história de uma geração cujos sonhos foram queimados lentamente em praça pública.

SEXO & PODER
Vários autores
218 páginas, Cr$ 180,00
Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva, Maria Rita Kehl, Guido Mantega e Flávio Aguiar e muitos outros discutem as relações entre sexo e poder. Dois debates: um sobre homossexualidade e repressão, com o grupo SOMOS/SP.

SHIRLEY
Leopoldo Serran
95 páginas, Cr$ 130,00
A história de amor entre um travesti da noite paulista e um operário de Cubatão. Waldir/Shirley é um personagem que aceita enfrentar todas as humilhações para ser fiel ao seu desejo. Dois seres humanos, coisificados pela opressão, brigam pela vida.

OS SOLTEIRÕES
Gasparino Damata
213 páginas, Cr$ 180,00
Um livro que se dispõe a esmiuçar o mundo dos homossexuais e tudo o que os tolhe: a incompreensão que os cerca, o medo. Escrito sem meias palavras, ele vai buscar a linguagem dos seus personagens lá onde o autor os encontrou.

A TRAGÉDIA DA MINHA VIDA
Oscar Wilde
194 páginas, Cr$ 100,00
O famoso depoimento de Oscar Wilde sobre sua vida na prisão, onde cumpriu dois anos de pena, condenado pela justiça inglesa pelo crime de homossexualismo. Um livro em que Wilde acusa e se defende, envolto pela solidão das prisões e marcado pelo sofrimento.

Escolha os que você quer ler e faça o seu pedido pelo reembolso postal à Esquina __ Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda. __ Caixa Postal 41031, CEP 20400, Rio de Janeiro, RJ.

Se você pedir mais de três livros receberá como brinde, inteiramente grátis, um exemplar do EXTRA/LAMPIÃO nº 1.

Na última entrevista de Jean-Paul Sartre, um único tema: os homossexuais

"La société hétérosexuelle domine l'homosexuel et le conduit plus ou moins sournoisement à une exécution capitale" —

"A sociedade heterossexual domina o homossexual e o conduz mais ou menos sorrateiramente a uma execução capital."

A brilhante publicação homossexual francesa "Gai Pied" fez com o filósofo Jean-Paul Sartre a última entrevista exclusiva do grande autor. É esse documento de suma importância que Lampião passa agora aos seus leitores, com a devida licença dos companheiros de "Gai Pied". A tradução para o português foi feita por Francisco Bittencourt. Esta é a nota original que abre a entrevista:

"Estamos contentes de poder publicar a entrevista que nos foi concedida por Jean-Paul Sartre a 28 de fevereiro passado. Enquanto Claude fazia esboços do homem ilustre (que festejava naquele mês seu 75º aniversário), Gilles e eu tentávamos com nossas perguntas elucidar um mistério. Sim, porque notávamos depois de muito tempo que havia um fio negro secreto no longo de sua obra romanesca, de suas peças teatrais e de seus estudos biográficos: a problemática homossexual. Ela está lá, serpenteante ou radiosa, como em "Saint Genet", que Sartre considera seu livro melhor acabado. Mas nada entretanto levara a crer na exegese de sua obra, que aliás já é enorme.

"Achamos que não nos enganamos: Sartre, como se verá abaixo, tinha muita coisa a dizer sobre o assunto. E ficou claro que ele estava com vontade de escapar de certas fórmulas, de certos comentários que já pretendem normalizar sua obra. Foi por isso que ele nos deu esta entrevista, sozinho e em casa. Entrevista, aliás, sem igual no gênero, porque pela primeira vez homossexuais o interrogaram sobre o homossexualismo. "Minha paixão é compreender os homens", diz ele. Estamos perfeitamente de acordo. Esta é uma pedra a mais que trazemos para o reconhecimento deste homem entre os homens.." (**Jean Le Bitoux**).

"Minha feminilidade"

— Certos personagens masculinos de sua obra, como Mathieu em "Os Caminhos da Liberdade", Roquetin em "A Náusea", não estão muito persuadidos de sua virilidade e se questionam sem cessar sobre as relações que mantêm com as mulheres e os homens. Por quê?

— Porque isso corresponde mais ou menos ao que eu sou, ao que eu me pergunto de mim mesmo.

— Poder-se-ia dizer, repetindo Flaubert com seu "Madame Bovary sou eu", que Roquetin de "A Náusea" e outros personagens de seus romances são de alguma maneira mulheres travestidas de homens?

— Não, seria exagerado chegar a esse ponto. Não, são homens que têm relações sexuais com mulheres, mas que não estão persuadidos de sua virilidade, que não pensam que ser viril é a seus olhos uma qualidade essencial.

— Nos seus estudos sobre Flaubert e Baudelaire o senhor insiste nas dificuldades deles para se situar sexualmente. O senhor chega a ver mesmo na letra de Flaubert ou no aspecto de dândi de um Baudelaire uma parte dolorosa de sua feminilidade. Essa feminilidade lhe parece importante, essencial mesmo, para compreendê-los? Sem essa parte de feminilidade teria existido um Baudelaire, um Flaubert, um Mallarmé?

— Mallarmé, em todo caso, tem uma feminilidade de um gênero diferente. Digamos antes que lhe falta absolutamente o machismo do homem. Quanto a Flaubert e a Baudalaire, é possível e mesmo muito provável que tenham tido experiências homossexuais. Isso parece certo em relação a Baudalaire, e durante longos anos Flaubert esteve apaixonado por seu amigo Maxime. Existiu portanto, qualquer coisa de feminino tanto num como no outro.

— No seu "Baudelaire" parece que o senhor afirma que o escritor adquire uma certa "feminilidade" porque ele não ganha a vida entre os homens. Será o ato de escrever antes de tudo um ato feminino?

— Não, não antes de tudo. Mas constato que ele se torna cada vez mais feminino.

— Será que o componente feminino do escritor (1) é o que o faz preferir a companhia das mulheres à dos homens, que o senhor declarou achar aborrecida?

— É possível, porque eu não gosto de falar da minha profissão, que aliás é apenas uma profissão. E gosto de falar de assuntos mais livres, mais gratuitos, talvez. É bem possível que essa seja uma certa maneira de feminilidade, que me faz preferir as mulheres, porque essa preferência, embora eu também goste das mulheres do ponto de vista erótico, não tem originalmente nada de sexual. É a preferência pela conversação das mulheres.

"Escrever É um Ato Solitário"

— O senhor vê em Genet uma só saída para o seu destino indecente, que aliás ele assume plenamente: escrever. Pode fazer um paralelo entre o escrever que salva Genet de sua condição e o seu escrever que, de acordo com "As Palavras", o teria salvado de sua infância?

— Não tinha pensado nisso. Digamos que o desenraizamento foi mais duro e mais benéfico para Genet; Genet, criança abandonada, entregue a camponeses e depois preso por roubo. Essa é verdadeiramente uma infância trágica para um menino sem pais e que tem de passar pela prisão. E no entanto ele gostava dos camponeses com quem morava, era bastante feliz. Mas, enfim, foi uma infância trágica. Eu não tive uma infância trágica. E me arranquei de fato da minha infância porque ela era demasiado cômoda, demasiado protegida. O ato de escrever é de uma grande solidão. Mas há, apesar de tudo, na maneira de escrever de um e de outro uma relação, ainda que o que foi escrito e as circunstâncias de que provêm sejam muito diferentes.

— Quando se é levado a escrever é porque se pressente um destino do qual tentamos nos desembaraçar? No momento em que se sente um perigo, começamos a escrever?

— Talvez. Desde que cientes de que não se saiba qual é o perigo. Tenta-se fugir de alguma coisa, sem saber de que. É uma espécie de estado vago.

— Em "Saint Genet" o senhor disse que "escrever é um meio erótico". Com isso o senhor quis dizer que o ato de escrever está orientado pra a sedução, já que é também uma usina de fantasmas?

— Sim, escrever pode ser isso, pode estar relacionado com a sedução e com o lado erótico em geral daquele que escreve. É assim que é criado o aspecto erótico de gesto de escrever.

— O senhor também se interessou por obras nas quais notou bem cedo "o poder negro e mágico": Flaubert, Sade, Mallarmé e em último lugar Genet. Por que tal interesse, quando em resumo sua obra parece ter uma preocupação permanente de convencer pelo raciocínio sólido, pela dialética?

— Penso de fato que me interesse pela literatura secreta, e inevitavelmente essa literatura é no essencial erótica, salvo em períodos de opressão social, quando há uma literatura política, igualmente escondida. Mas, vendo bem, as grandes obras secretas são eróticas. E acho que não se pode compreender a literatura se não conhecemos tais obras, se essa metade obscura não estão acessível. Aqueles que conhecem apenas Pascal, Saint Simon e Boileau têm uma visão muito incompleta da literatura.

— Mas Rimbaud ou Mallarmé tinham uma preocupação de precisão dialética?

— Eles tinham um sentido de precisão, que é muito importante. A precisão para a metade sombria da literatura é tão ou mesmo mais essencial que para a literatura ao sol. Há uma precisão nos poemas de Baudelaire que é muito particular, muito sensível, há uma precisão quando Genet se conta através dos mitos que ele inventa, todas as imagensa que forja, nas idéias que expressa e a literatura é certamente para ele, como para tantos outros, como para mim, uma construção precisa que pode ter tudo de vago e de longiqüo, todo o trande do sublime, mas que é constantemente precisa e tenta definir uma situação. Foi isso que eu encontrei em Sade e nos escritores negros do século XIX, ainda que com variações: uma espécie de racionalidade negra.

"Homossexualismo: Uma Escolha Existencial".

— Nos seus "Escritos" há uma passagem inédita (2) de "Saint Genet" onde o senhor diz: "a literatura, como a pederastia, representa uma saída virtual que se inventa em certas situações e que, em outras, não é sequer pensada, porque então não seria de nenhum auxílio". Por que faz tal comparação?

— É a propósito de Genet, claro. E depois, eu achava que a maneira pela qual Genet assumiu seu estado quando era prisioneiro, para praticar realmente o homossexualismo, parece o estado de um homem sem saída, completamente confuso, perdido diante dos outros e que inventa a literatura, isto é, que inventa escrever para encontrar uma saída. Em suma, a vontade de pederastia em Genet, a vontade de tornar-se inteiramente pederasta, de aceitar a violência a que era submetido de vez em quando pelos companheiros de Mettray, e ele queria que a violência fosse aceita, pedida: assim ela deixava de ser violência. Um escritor tenta pensar em liberdade sobre as relações das pessoas entre si e sobre a violência que se fazem. Chega-se a uma espécie de gratuidade, de aceitação e de vontade.

— Em "Saint Genet" encontramos esta frase: "Não se nasce homossexual ou normal, cada um torna-se uma coisa ou outra com os acidentes de sua história e sua própria reação a esses acidentes". O senhor afirma também: "É uma saída que uma criança encontra no momento de sufocar". Dizendo isso o senhor não faz do homossexual o melhor exemplo de sua tese existencialista?

— Certamente, porque quando tomei a decisão de fazer um prefácio para Genet tomei o homossexual que era Genet como o próprio tipo do homem que se faz numa situação... Finalmente, Genet é homossexual porque é órfão e ladrão, porque ele é feito de roubos. Então, o homossexualismo é uma espécie de retomada de tudo isso e ele tornou-se, como diz, o Ladrão. O Ladrão é ao mesmo tempo o pederasta, ou antes, o homossexual.

— Por quê?

— Eu já expliquei em "Saint Genet". Genet, naturalmente, é um caso particular; não se pode dizer o mesmo de qualquer homossexual, nem que todo homossexual é ladrão: isso não quereria dizer nada. Mas esse é o caso de Genet; quando se deu conta, ele era ladrão, maltratado pelos adultos, jogado numa prisão e enfim encontrou meninos que eram como ele, ladrões, e que o trataram sexualmente como vítima. Ele não podia mais escapar dessa situação. Tinha caído numa armadilha, estava nas mãos de meninos e era sua vítima; a menos que ele tenha querido, para se libertar, ser justamente a vítima. Ele desejava sê-lo, como explica mais tarde que há outras pederastias além da passiva. Então ele se entregou para tornar-se o menino que deseja ser apanhado, aquele que se torna um dos componentes essenciais de sua personalidade... Transformou assim uma espécie de derrota — uma captura — em vitória, que passa a desejar.

— E quando não se é homossexual é por falta de circunstâncias?

— Não, porque se pode ser poeta sem passar pela homossexualidade. Pode-se não ser, depende das circunstâncias. Por exemplo, penso que a única saída para Genet era a de tornar-se homossexual. Mas pode-se imaginar circunstâncias igualmente constrangedoras que não tem essa solução, essa saída sexual.

— De Genet o senhor também disse: "Admiro essa criança que se quis assim." Por que uma tal fascinação por essa escolha precoce da marginalidade?

— Porque escolha, e escolha precoce. Era preciso evidentemente uma escolha de um menino de dez anos, que só pode ser — se ele é profundo — a marginalidade. Ele não pode seguir o caminho dos outros porque já não seria uma escolha, mas a imposição da força dos outros. E conseqüentemente essa escolha pessoal, profunda e rigorosamente individual, com um único fim, é de fato um ato de vontade formidável da parte de uma criança.

"Essa Profundidade que os Heterossexuais não têm"

— Há um paralelo constante na sua obra entre o fascínio da ordem militar, a recusa da violência e o homossexual em buscas muito simbólicas. Por exemplo, o homossexual Daniel em "O Caminhos da Liberdade" aplaude a entrada das tropas alemãs em Paris, Esta adesão à ordem masculina é encontrada em Genet. O homossexual na política seria um traidor virtual?

— É possível. Não o disse porque em um sentido isso cessou de me interessar. Como eu não era homossexual, não poderia dizê-lo. Poderia tentar pensar sobre o assunto, ou pensar alguma coisa equivalente se eu fosse homossexual. E acho de fato que um homossexual é um traidor em potência. Mas é preciso compreender muito bem o que isso quer dizer. O traidor é o aspecto negro da coisa; mas o aspecto branco, dourado é o do homossexual tentar ser uma realidade profunda, muito profunda. Ele tenta encontrar uma profundidade que os heterossexuais não possuem; mas isso também, essa profundidade que ele tenta obter com simplicidade, com clareza, pois bem, o lado negro se aposssa. Existe no homossexual um aspecto negro que o define, que se faz presente para ele e não necessariamente para os outros.

— Hitler mandou massacrar os SA em 1934 dizendo que o homossexualismo era perigoso para a ordem social. Stalin tinha acabado de realizar chacinas semelhantes. Será o homossexual o espantalho necessário que é erguido toda vez que um regime quer consolidar seu poder?

— Toda vez, não sei. Em todo o caso é um espantalho que se ergue. Um regime fascista é em geral contra os homossexuais. Só que vocês não devem esquecer que no regime hitlerista havia também o inverso; os Hiltler Jugend eram muitas vezes homossexuais ou, em todo caso, se orientavam em direção ao homossexualismo. Havia os dois aspectos. Tal ambigüidade existe em todos os exemplos de fascismo, cada vez que existem massas retidas, unificadas ou em exercício militar. De qualquer forma há uma tendência ao homossexualismo porque os homens estão sempre juntos, vivem juntos, têm relacionamento mais ou menos íntimo. Há portanto uma ameaça do homossexualismo; digo "ameaça" porque os chefes fascistas sabem que há a homossexualidade que nasce com o fascismo e, eles querendo ao mesmo tempo ser machistas, são contra essa homossexualidade. É a prova que há os dois aspectos e isso cria a contradição profunda de um regime fascista, digamos ditatorial.

— Mas esse foi também o caso de Stalin.

— Sim.

— Por que não há uma palavra em seus escritos políticos sobre o extermínio de homossexuais por Stalin e Hitler?

— Porque eu não sabia exatamente de que tipo eram esses massacres. Não sabia se eram sistemáticos, quantas pessoas tinham atingido; não estava certo. Eu podia então reprovar muita coisa nesses ditadores, mas essas justamente eu não podia por não saber.

— A que o senhor atribui o fato de não ter conhecimento desses casos históricos?

— Os historiadores falam pouco a respeito. O jornal de vocês é feito para denunciar casos desse gênero. Façam análises de tempos em tempos.

— O seu conto "A Infância de um Chefe", em "O Muro", põe em cena Lucien Fleurier que, como "O Conformista" de Moravia, recusa-se a ser homossexual se refugiando na ordem fascista. O senhor pensa que esse é o caso de muitos homossexuais em busca de sólidas referências hierárquicas?

— Não sei. O caso de Lucien Fleurier indica que aquilo a que ele se recusou foi mais a desordem. Ele sentia o homossexual não como a ordem, mas como a desordem. E com efeito Lucien Fleurier não é um homossexual. Ele tem uma tentação, mas é essencialmente heterossexual, ainda que tenha tendências homossexuais. Em todo caso, o desejo de ordem não parece lhe provir do homossexualismo; ele o tem há muito tempo.

"Vocês não devem Aceitar Essa Sociedade Pudibunda"

— Em seus romances, certos personagens fazem da sodomia o ato dominador por excelência, que permite a um homem de subjugar um outro. Frantz em "Os Seqüestrados de Altona" declara: "Quando há dois chefes eles têm de se matar, ou então um deles tem se transformar na mulher do outro." Por que ver na sodomia passiva uma execução capital?

— Isso é um pouco o resultado das impressões que tive e amadureci depois das discussões com Genet. Quando escrevi o livro sobre ele tinha possibilidade de lhe falar, criava minhas hipóteses e as submetia a ele. Às vezes, apesar de suas objeções, eu mantinha hipóteses, mas de tempos em tempos era ele quem tinha razão. E depois, eu via a coisa assim. Nunca pretendi que em qualquer circunstância era assim que era preciso vê-lo, mas na situação de Frantz, jogado no exército pelos alemães — seus Chefes —. Eu via isso como uma execução. Ele durante todo o tempo submetido a uma execução, e finalmente era a uma execução capital que o submetiam. Digo-lhes que vejo aí um destino possível do homossexual: a sociedade heterossexual o domina e o conduz mais ou menos sorrateiramente para uma execução capital.

— O senhor não acha que falta uma análise importante sobre o homossexualismo disfarçado que existe na tortura, no esporte e em todas instituições "masculinas"?

— Acredito sim que o fato existe e que certamente deve ser analisado.

— Esse tabu geral que atinge o homossexualismo não terá por única origem o terror da sodomia passiva?

— Sim, é possível, é mesmo provável.

— O Homossexual passivo se oferece e se dá. Para os outros ele então perde toda a dignidade; seria, como o senhor escreveu, "uma mulher imginária que tem seu prazer com a ausência de prazer". Por que uma tal desconsideração que parece atingir e englobar tanto o homossexual passivo como qualquer mulher que tenha relações heterossexuais?

— Leiam Genet: é ele quem dá essa impressão. É ele quem diz que não tem prazer; ele o procura mas não encontra. E quando se transfere a esse papel artificial do homossexual ativo, passa a desprezar um pouco os homossexuais passivos, embora considere a homossexualidade passiva como a verdadeira homossexualidade. Para ele, é ela que conta: a outra, é uma homossexualidade à que se chega, onde o homossexual fica ativo depois de ter sido realmente homossexual passivo. E nisso eu me fio em Genet, pois era dele que estava falando.

— O senhor acredita realmente que toda sodomia passiva cria uma ausência de prazer?

— Não há razão para isso. Mas é certo que Genet não parece ter tido grande prazer.

— Em 1980, como o senhor vê o status social dos homossexuais: essa minoria pode ser absorvida pela hipócrita liberalização de costumes?

— Não. Penso que no momento ela tem de ficar bastante isolada, de permanecer um grupo dentro da sociedade pudibunda, um grupo separado que não pode se fundir com essa sociedade, que ela não deve aceitar mas, ao contrário, de certo modo, odiar. Os homossexuais não devem aceitá-la, mas a única coisa que podem esperar, em certos Estados, é uma espécie de espaço livre onde lhe seja permitido se reunirem, como nos Estados Unidos, por exemplo.

Entrevista feita por Jean Le Bitoux e Gilles Barbedette em Paris, em 28.2.80. Desenho de Claude Lochu. Todos direitos de reprodução reservados ao "Gai Pied".

1. "Sempre acreditei que há em mim uma espécie de mulher", entrevista com Simone de Beauvoir ("Situations X", Gallimard, 1975). 2. in "Les Ecrits de Sartre", por M. Contat e Rybalka (Gallimard, 1976).

"Eu sou um pederasta, se diz e sente-se des moronar com isso. — Levanta, Lucien, grita-lhe a mãe pela porta fechada, tens escola hoje. — Sim, mamãe, responde Lucien docilmente (...) Era engraçado — Lucien sorri com amargura — podia-se perguntar por dias inteiros: sou inteligente, estarei me enganando, sem jamais chegar à uma conclusão? E ao lado disso havia as etiquetas que você se pregava um belo dia e era depois obrigado a levá-las pelo resto da vida: por exemplo, Lucien era alto e loiro, lembrava o pai, era filho único e, desde ontem, era um pederasta. Diriam dele: "É o Fleurier, aquele altão loiro que gosta de homem." E as pessoas responderiam: "Sei, sim. Aquela bichona grandalhona? Sei muito bem quem é." 1. — O termo pederasta é para Sartre, como para os de sua geração, empregado mais seguidamente em lugar de homossexual. (**Le Mur**, 1937, Gallimard e Poche, páginas 206 a 208).

"Temendo ser visto, Baudelaire se impõe aos olhares. Espantam-se as pessoas de que ele tenha às vezes o aspecto de uma mulher e se procura nele os traços de uma homossexualidade que nunca se manifestou. Mas é preciso que se diga que a "feminilidade" resulta da condição, não do sexo. (...) Quando ele sai, fantasiado como se fosse uma caça, trata-se de uma verdadeira cerimônia; é preciso proteger suas roupas, saltitar entre os charcos d'água; (...) enquanto gravemente realiza os mil pequenos atos impotentes de seu sacerdócio, ele se sente penetrado, possuído pelos outros. (...) Mas um homem-mulher não é necessariamente um homossexual. A passividade de objeto sob os olhares, que ele tenta compensar com uma composição cuidadosa de seus gestos e de sua maneira de vestir, lhe dá um prazer que talvez ele tenha transformado de vez em quando, em seus sonhos, numa outra passividade: a de seu corpo sob um desejo masculino. Daí, sem dúvida, as eternas e mentirosas acusações de pederastia que ele carrega contra si mesmo."
(**Baudelaire**, 1946, Gallimard e col. Poche/Idées. Páginas 193 e 195.)

"É preciso que o pederasta permaneça um objeto, flor, inseto, habitante da antiga Sodoma ou da longínqua Urano, autômato que salta à luz do palco, tudo o que quisermos exceto meu próximo, exceto minha imagem, exceto eu mesmo. Porque é preciso escolher: se todo o homem é o homem, é preciso que esse transviado seja apenas um seixo, ou então ele seja eu..." (Páginas 648 a 649)

"Lendo Genet ficamos tentados de nos perguntar: Um pederasta existe? Pensa? Julga, nos julga, nos Vê? Se ele existe, tudo muda: se a pederastia é a escolha de uma consciência, ela torna-se uma possibilidade humana. O Homem é pederasta, ladrão e traidor. Quem negar isso pode renunciar aos seus mais belos louros: foi porque você gostou de furar a barreira do som com aquele aviador, e com ele. Você fez recuar os limites das possibilidades humanas e, quando ele aparece, Você se aclama a si próprio. Não vejo nada de mal:; toda a aventura humana, por mais singular que possa parecer, compromete a humanidade inteira."

"O cume é a feminilidade secreta dos homens, sua passividade." (Página 508)

"Genet se entrega... a crises catárticas que reproduzem e elevam ao sublime o primeiro encantamento: o ciúme, a execução capital, a poesia, o orgasmo, o homossexualismo." (Página 12)

(**Saint Genet — Comédien et Martyr —**, Gallimard, reeditado em 1978)

"Gavi: Como os homossexuais ainda são uma minoria, ninguém os toca. Por isso quero saber o que pensas disso. — Sartre: A tua pergunta é difícil, porque o movimento homossexual não é popular. Se fizermos no jornal artigos sobre o homossexualismo, receberemos muitas cartas de leitores que são completamente contra. Não temos como tirar um denominador comum. Quando tivermos 25 ou 30 cartas de leitores que nos dirão: o homossexualismo é horrível, ele é contra a luta de classes, e do outro lado uma ou duas do FHAR, de que forma fundir as duas opiniões? E nota que, de um certo ponto de vista, os que dirão que são contra a luta de classes não estarão totalmente errados. Esse era o caso até agora, atualmente a coisa mudou, mas... (...) Não se trata de sair gritando "Viva os homossexuais". Pessoalmente eu não posso fazer isso, já que não sou homossexual. Trata-se de mostrar aos leitores do jornal que os homossexuais têm o direito de viver e de serem respeitados como qualquer outra pessoa."

(**Ou a raison de se révolter**. 1974. Debate para a fundação do diário **Libération**. Páginas 115 a 117. Gallimard, col. La France Suavage).

Anistia apóia homossexuais

Durante o 12º Conselho Internacional da Anistia Internacional, realizado em Louvain, Bélgica, com a presença de representantes de 44 países (O Brasil estava lá, é claro), a AI finalmente decidiu adotar uma posição quanto à repressão aos homossexuais. Eis o que diz sobre o as- sunto o Amnesty International Newsletter, **órgão oficial daquela entidade:**

"Sobre a questão da atitude que a organização deve tomar em relação a pessoas presas por serem homossexuais, o Conselho decidiu que qualquer um feito prisioneiro por advogar a causa homossexual deve ser considerado como um prisioneiro de conciência. Nos casos em que a homossexualidade venha a ser tomada como um pretexto para prender pessoas por suas crenças, a Anistia Internacional poderá adotá-las como prisioneiros de consciência".

E o que são prisioneiros de consciência? **O mesmo boletim da AI também apresenta uma definição:**

"O Conselho definiu o "prisioneiro de consciência" como qualquer um aprisionado, detido ou restringido fisicamente de qualquer modo por razão de suas crenças políticas, religiosas ou outras, ou por razão de sua origem étnica, sexo, cor ou língua, desde que não tenha usado ou advogado a violência".

Para nós, homossexuais e brasileiros, isto significa basicamente o seguinte: cada vez que os camburões da polícia carioca, por exemplo, estacionam diante do cinema Iris e prendem indiscriminadamente todos os homossexuais que saem de lá, o que está ocorrendo, aos olhos da Anistia Internacional, é a figura da prisão política — "nos casos em que a homossexualidade venha a ser tomada como um pretexto para prender pessoas...", etc...

Essa decisão da anistia vem em boa hora: a meio de uma campanha, iniciada por pessoas progressistas em nosso país, com o objetivo de tornar realmente ampla a luta pela anistia, levando-a a englobar os presos **anônimos do sistema — os que são encarcerados porque são pobres, feios, negros, porque adotam comportamentos que se afastam dos padrões convencionais, porque, em matéria de sexo, admitem que este pode ser praticado tendo em vista o prazer e não apenas a reprodução. A questão dos homossexuais interessa mais de perto a nós que circulamos em torno de LAMPIÃO, mas não é a mais importante nesta luta, é claro; para que se tenha uma idéia: enquanto os vários movimentos brasileiros pela anistia se articulavam numa campanha destinada a arrancar das prisões um grupo de membros de classe média, dezenas de pessoas marginalizadas continuavam a ser executadas, todas as semanas, pelos vários grupos de extermínio da Baixada Fluminense — cuja função é matar pessoas pobres e negras —, sem que isso provocasse qualquer tipo de reação nos participantes daqueles movimentos.**

A questão é: que atitude costumam adotar os vários movimentos brasileiros pela anistia diante das prisões indiscriminadas de homossexuais? Parece-nos que nenhuma — a tendência é passar diante do cinema Iris e achar muito natural que lá estejam os "camburões" à espera de suas presas. A decisão da AI pode ajudar a quebrar essa indiferença. Infelizmente, não nos foi possível ouvir pessoas credenciadas sobre o assunto — todos os que costumam falar em nome desses movimentos se deslocaram para Salvador, quando estávamos fechando este número de LAMPIÃO; lá, participariam de um congresso sobre a anistia deles, para nós tão restrita quanto a que o governo lhes concedeu.

Anistia realmente ampla, geral e irrestrita: não aquela destinada a beneficiar apenas os diletos filhos da classe média, mas a que arranque dos cárceres os negros da Baixada e evite mortes como a de Robson em São Paulo, ou a de Aézio no Rio; a que resgate dos desvãos escuros da Rua Rego Freitas, em São Paulo, ou da Rua do Lavradio, no Rio, pessoas ricas de humanidade como os travestis Flávia e Tatiana, de quem vocês lerão, nas páginas que se seguem, tocantes confissões. As senhoras e senhores da anistia à brasileira que se preparem: muito mais que do Governo, é deles que iremos cobrar essa amplitude. (Aguinaldo Silva)

Dois travestis, uma advogada: três depoimentos vivos sobre o sufoco

Rua Rego Freitas, São Paulo, oito da noite. Flávia e Tatiana na calçada, batalhando. O movimento está fraco, mas de repente vem se aproximando lentamente um Corcel. Flávia faz um disfarçado sinal para Tatiana: "vem cá, menina, esse aí tem cara de quem gosta de suruba. "E Tatiana, olhando para o carro como se nada notasse, cochicha de volta: "nossa, pelo jeito deve ser cachê de mil." Ambas se aproximam do carro com um andar falsamente incerto. Darcy Penteado põe a cara para fora e explica sem rodeios que gostaria de entrevistá-las para o LAMPIÃO. Alguns minutos mais tarde, Darcy abre a porta de sua casa para os dois travestis entrarem. Eles olham sem conseguir disfaçar o deslumbramento diante dos quadros e luzes. Eu, Alice Soares, Glauco Mattoso e Jorge Schwartz olhamos para eles, não menos deslumbrados. Nossos mundos parecem estar a quilômetros de distância.

Alice Soares, uma das convidadas a ser entrevistada, é uma advogada criminal que orienta o Departamento Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto, da Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Desde 1972, acompanha os estagiários em audiências, sempre na área criminal, e junto com eles agüenta a barra da clientela carente da periféria de São Paulo — operários, negros, travestis, prisioneiros anônimos — que solicitam seus serviços gratuitos ou quase.

Flávia, também convidada(o) é um belo travesti de 22 anos, que faz viração desde os 17. Acaba de colocar seios de silicone ("número pequeno, porque não sou exagerada como as outras"). Pretende fazer seu pé de meia enquanto é jovem e acha que o homem é atraso na vida da gente. Tatiana, a outra convidado (a) tem olhos safados e 28 anos, batalhando desde os 22 ("comecei tarde porque tinha medo"), é romântica ("vivo cada momento como se fosse o último"), não tem silicone mas toma hormônio de vez em quando ("peito pra os caras não funciona, eles querem é pinto mesmo").

Não demorou muito, já estávamos entrosados a ponto de disputar a palavra. Alice protestava porque era chamada de senhora. Flávia mostrava orgulhosamente os seios ("ficou durinho, não desce"). E Tatiana, com um risinho de escárnio, cantava entusiasmada: "eu não sou barrado como travesti. Com essa cara, faço mais o gênero mulher-macho". No final, as duas cartõezinhos de Alice Soares, porque assim têm onde recorrer nos momentos de apuro. Quando peço um endereço para contato posterior, quase em uníssono eles me respondem: "precisando é só ir lá mesmo, na Rego Freitas. A gente tá sempre batalhando." **(João Silvério Trevisan)**

Jorge — **Como é que você chegou a fazer viração, Flávia? Se você pudesse contar um pouco da sua história.**

Glauco — **Você disse que tem 22 anos, não é?**

Flávia — Eu vim pra São Paulo, do interior, em 1973. Minha família não me aceitava mais em casa. Estava uma bichinha assim, meio-carnaval, entende? Daí, minha mãe não podia mais comigo e me levou pra Itatiba, um internato; me deixou num hospital psiquiátrico, de recuperação, pra ver se eu tirava isso da minha cabeça, se eu virava, homem. Eles me davam drogas, choque, medicação, e aí eu fiquei pirada.

Trevisan — **Mas que hospital era esse?**

Flávia — O Américo Barreto, conhece? Muito bom... Tanto que eu fiquei pior depois que entrei lá. Eu tomava impregnação, era uma injeção pra me castigar, sei lá — cada vez que eu tomava queria morrer. Ficava num estado assim, meio sonolento. E o eletrochoque era pra eu perder a vontade de ser travesti. Só que com aquilo eu ficava ainda mais amedrontada, quer dizer, mais mulher.

Jorge — **E os médicos tentavam lhe convencer a mudar?**

Flávia — Tentavam. Botavam uma menina na minha frente, ela ficava ali nua fazendo poses, e eu não sentia nada; aí eles me davam mais eletrochoque na cabeça. Fiquei lá um bom tempo. De dois em dois meses eu fugia, mas voltava pra casa, e minha família me levava de novo pra lá. Daí, minha mãe viu que não adiantava, e me deixou um tempo em casa. Então, eu procurei um emprego, fui trabalhar. Era num hospital, eu trabalhava como **office-boy**. Mas aí eu vi que não dava mesmo: peguei minhas trouxas e vim pra São Paulo. Aqui, fiz umas amizades, arrumei emprego numa casa de família. Eu era doméstica — quer dizer, doméstico, né? Meu cabelo já estava grande, mas eles me aceitaram assim mesmo.

Alan — **Você fazia o que? Limpeza?**

Flávia — Limpava, lavava prato e cozinhava. De noite, dava minhas voltinhas. Até que uma noite, eu entrei em cana, entende? Tinha esquecido a carteira profissional em casa — eu tinha a carteira assinada —, e eles me levaram. Fiquei três, quatro dias preso, e aí saiu meu retrato no "Notícias Populares", com a foto e meu nome certinho, assim — "Flávia, o travesti-ladrão, se virando na Avenida Bandeirantes". Era tudo mentira, mas minha patroa ficou apavorada e me mandou embora. Daí, eu me joguei de vez na viração.

(A história do travesti Flávia deixou tensa e emocionada a platéia que a ouviu no meio da entrevista; ela, aqui serve de preâmbulo, ou como uma espécie de deixa para a introdução da Alice Soares, a advogada que, se as coincidências tivessem ajudado, certamente teria conseguido arrancá-lo do xadrez).

A partir da esquerda: Trevisan, Darcy, Glauco, Alice e Jorge. Tatiana e Flávia estão atrás de Alice.

ENTREVISTA

Alice: __ Lá no Departamento Jurídico nós somos uma espécie de ponta de lança contra a discriminação e o preconceito.

Trevisan — **Bom, Alice, me conte mais ou menos o que você faz lá no Centro; é só uma apresentaçãozinha.**

Alice __ O meu trabalho no Departamento Jurídico do Centro Acadêmico XI de Agosto é justamente como orientadora criminal: eu oriento os estágiários, acompanho as audiências... São os estagiários do quarto e quinto ano que vão fazer estágios e, naturalmente, atendem, como aprendizado, a uma clientela mais carente, da periferia. Essa clientela é formada por pessoas muito pobres; você sabe, hoje em dia para se arranjar um advogado fica muito caro; então, eles recorrem à justiça gratuita; pagam uma taxa de 150 cruzeiros e, quando não podem pagar, arranjam um atestado de pobreza na delegacia, e nós os atendemos. O departamento existe há mais de 20 anos, e hoje em dia todo o mundo manda gente pra lá: é o delegado de polícia, o juiz, o promotor, os padres de todas as paróquias...

— Agora eu quero deixar bem claro o seguinte: o Departamento Jurídico não recebe verba de ninguém. Isso para nós é ótimo, pois permanecemos independentes justamente para atender a esses casos de arbitrariedades desumanas, venham de onde vier, sem a preocupação de estar ofendendo este ou aquele. Então isto é ótimo, nós atendemos todos que lá comparecem, tanto no cível como no criminal, na área trabalhista e principalmente na de família, que são justamente 60% dos casos que lá comparecem.

Trevisan — (aos travestis) **Bom, vocês também querem se apresentar?**

Tatiana — Eu gostaria de perguntar porque ela está se dedicando aos problemas dos travestis.

Alice — Porque eu, particularmente e em nome do Departamento Jurídico, nós estamos lá justamente para atender a estes grupos oprimidos; acho que vocês no momento estão sendo perseguidos, oprimidos. Como também atendemos ao movimento negro; somos uma espécie de ponta-de-lança contra as injustiças. Então, fazemos questão de atender e acompanhar vocês, quando são presos. Se vão para o DEIC, nós vamos lá e fazemos tudo, entramos com habeas corpus, batemos um papo com o delegado ou o investigador, procurando um meio de libertar o prisioneiro o mais depressa possível.

Trevisan — **Eles são presos e vocês são chamados, ou vão lá regularmente?**

Alice — Geralmente são os amigos que vão lá no departamento para tirar os outros.

Darcy — **Em geral a razão da prisão é a prática da prostituição? Na maioria das vezes as prisões são arbitrárias?**

Alize — Geralmente, a polícia quando passa na rua — (**aos travestis**) isso eles já sabem, têm mais experiência — já tem uma implicância com eles.

Flávia — Quando a gente sai de casa em pleno dia, eu pego uma sacola para dar uma disfarçada, senão eles levam. Finjo que vou fazer compras.

Jorge — **Vocês já foram presos? O que aconteceu?**

Flávia — Eu, já! Eles não querem nem saber: pegam a gente e mandam pro camburão. Jogam dentro do carro. São todos mal educados, pegam em vez de levar a gente. Eu tenho documento, de ator; mesmo assim eles levam. Mesmo tendo carteira de trabalho: eu tenho.

Trevisan — **Eles alegam o que? Que motivo eles dão?**

Flávia — Ih, eles nem querem saber; nem querem ver se está tudo certo nos documentos. Uma vez eu estava com INPS, tudo certinho, e mesmo assim fui.

Glauco — **E quanto tempo ficam na cadeia?**

Flávia — Uns três dias, depende. Agora, agressão, só se a gente gritar, né? Mas a gente não chega lá dando escândalo.

Tatiana — Sabe de uma coisa que aconteceu com uma amiga nossa? Ela deu escândalo e jogaram uma bomba dentro da cela; arrebentou tudo, ela saiu até no jornal!

Alice — Na época do Erasmo Dias a perseguição era bem maior; inclusive, uma vez, levaram uma turma de travestir que quebrou tudo...

Flávia — Eu estava lá. As do babado, elas ficaram revoltadas. As do babado são as que se cortam, dão escândalo, apanham, chegam na polícia e já viram a máquina do delegado. É, tem travesti que é assim; quando são presos eles se revoltam e pegam o delegado, batem nele. Daí, o delegado leva eles pro xadrez. Naquele dia, eles tiraram toda a roupa e tocaram fogo. Foi aquele fumacê na cela, todo o mundo gritando. E aí falaram: vamos se cortar todos juntos. Uma dava a gilete para a outra... Já fazia quatro dias que estavam lá; então, se cortavam pra ver se levavam eles pro hospital, porque lá o pessoal tem medo do escândalo e solta elas.

Alice — Naquela ocasião, o Erasmo (**n. da r.: Erasmo Dias, ex-secretázio de Segurança de São Paulo, hoje deputado federal pela Arena**) estava lá, inclusive levou uns tapas dos meninos (**risadas**).

Tatiana — Tinha travesti que encarava o Erasmo cara a cara, xingava de tudo o que tinha de xingar, tá entendendo? E a agressão dele dobrava mais ainda pra cima de nós. Ele aumentava a pressão, colocava mais cana em cima, cachorro, mulher, colocava toda a polícia feminina em cima da gente.

Trevisan — **Foi ele quem inventou aquela história de colocar um homem, uma mulher e um cachorro atrás de vocês?**

Flávia — Foi ele. Tinha travesti que ficava revoltado, batia no homem e na menina; até no cachorro batiam. O pior tempo que teve para os travestis foi aquele do Erasmo. Agora no 4º distrito, aqui na Consolação, já é mais liberado, sabe? Eles não podem mesmo com os travestis, então, a gente só chega, eles vêem o documento e a gente já vai embora. O pior distrito é o DEIC, o 3º Distrito. Lá são todos uns homens revoltados, não entendem a gente.

Tatiana — Teve um caso que aconteceu há uma semana, é muito importante; eu ia descendo, e vinham dois caras, um deles passou a mão em mim; eu quis ratear com ele, mas os dois mandaram a gente ficar quieta. Pareciam dois malandros mesmo, não tinham senso de nada. Eu fiz o que eles mandaram, mas aí me entrosei com minhas amigas, e uma delas falou: "É, vamos dar um pau nesses caras, que eles tão muito folgados". A gente partiu pra cima deles, mas aí um deles puxou um revólver e deu um tiro na gente. Todo o mundo correu, menos eu, que fiquei lá, incrementando com eles, chamando eles de malandros, e tal. Dali a pouco veio a Garra (**n. da r.: uma corporação da polícia civil paulista**); uma amiga minha foi lá e falou pra eles, "olha, esses dois caras estão com um revólver, atiraram na gente". Pois os dois voaram em cima dela e bateram tanto que a pobre até hoje está no hospital; eram da polícia, também!

Alice — Eu queria perguntar uma coisa: eles tiram dinheiro de vocês?

Flávia — Lógico que tiram!

Tatiana — Olha, eu só sei de ouvir falar. Eu nunca tive problemas com eles, porque estou sempre limpando a minha barra; qualquer coisinha, pintou cana, eu tou indo embora. Já entrei em cana por vadiagem, essas coisas, mas não posso me queixar. Agora tem travesti que dá carro pra eles, que vende tudo pra se livrar dêles; se entram num flagrante de maconha, de alguma droga, tem muito o que fazer, é lógico...

Alice — Aí então entra o problema jurídico, que, lógico, a prostituição não é prevista no código, nem a masculina nem a feminina. Nem homossexualismo é proibido, a não ser no código penal militar. Mas geralmente eles prendem as pessoas e incluem em vadiagem, instauram a sindicância quando é a primeira vez. E depois, se a pessoa é presa novamente, cai no artigo 59 da lei das contravenções penais: vadiagem. De modo que fazem o flagrante, levam para a Casa de Detenção até o julgamento, que leva um mês.

Trevisan __ **Eu só queria saber a definição de vadiagem, por lei, juridicamente, se existe alguma.**

Alice — Bom, eles acham que são as pessoas sem uma ocupação.

Trevisan Trevisan

Alice Soares, a advogada.

Flávia, a mais objetiva.

Tatiana, a mais romântica

Tatiana — Pois eu já conheci muito travesti que mesmo trabalhando, com carteira assinada e tudo, fica 15, 20 dias de molho na prisão. Perde emprego e tudo.

Alice — É, geralmente eles identificam o travesti com o ladrão, o viciado, o assaltante... —

Darcy — **O "Notícias Populares" há poucos dias publicou uma notícia sob o título "travestis presos"; puseram uma fotografia de Vera Abelha, entre outros travestis, na primeira página, como chamada. Num caso como esse, eu quero saber se Vera Abelha pode mover uma ação contra o jornal.**

Alice — Pode, inclusive, exigir uma retificação. Já vi pessoas que tomaram essa atitude. Inclusive, pela Lei de Imprensa, pode-se fazer algo. Você, Trevisan, tinha me perguntado qual era a definição de vadiagem; bom, é a pessoa desocupada permanentemente. Primeiro, eles fazem a pessoa assinar a sindicância, dando um prazo de 30 dias para arranjar emprego; se ela é detida novamente e ainda está sem trabalho, aí a encaixam como vadio.

Trevisan — **Num país de desempregados, como é possível provar que alguém é vadio pelo fato de não ter trabalho? No meu caso, eu não tenho carteira de trabalho assinada, porque sou autônomo. Então sou vadio, de acordo com a definição deles.**

Alice — Você está sujeito a ser encaixado neste artigo. Tem o caso de um **hippie** que nós defendemos; ele estava sentado na Avenida São João e foi preso e encaixado como vadiagem. Chegou lá no Foro, disse que tinham apreendido a tesoura dele, alicate, arame, etc.; eles tinham dado até uma lista de apreensão, olhe a sorte dele: com todo aquele material apreendido, nós provamos que ele estava ali trabalhando; o juiz o absolveu, mas até lá, ele passou 30 dias na Casa de Detenção.

Jorge — **Meu Deus! Trinta dias na Casa de Detenção?**

Alice — Até correr o processo; às vezes a gente consegue relaxar o flagrante, mas isso não acontece sempre, pois tem juiz que acha que assim a pessoa vai embora, e depois, se ele der uma multa ou uma pena mínima, a pessoa não estará ali pra assinar. Na pior das hipóteses fica-se 30 dias preso. Já vi isso acontecer com vários travestis. Inclusive, um deles chegou e disse ao juiz que faturava uns seis mil cruzeiros por mês. Então, na sentença o juiz absolveu, dizendo que uma pessoa com esse faturamento não pode ser considerada vadia (risadas).

— Agora veja bem nossa posição lá no Departamento Jurídico. Quando eles estão presos a gente vai imediatamente, quando é o DEIC, a gente conversa. Outro dia a gente ia chegando e um investigador olhou pra gente e foi logo falando: "é assaltante ou travesti?" Porque eles já nos conhecem. Nesse dia, como já estava tudo resolvido, ele disse que iam soltar todos. Aí abriram aqueles portões e saiu a turma toda, até o menino que a gente estava procurando, chamado Mirthes; saiu todo mundo correndo, e a gente gritando, "Mirthes!, Mirthes!", mas naquela hora, quem é que parava a Mirthes? Desapareceu na primeira esquina. As duas amigas dela que nos levaram lá ficaram zangadas: "Imagina, nós trouxemos até advogado pra ela, e ela nem dá bola, sai correndo sem nem olhar pra gente". Eu disse, "não, ela quer é desaparecer, é isso mesmo".

Trevisan — **No caso de um travesti, me dê um exemplo de flagrante.**

Alice — Por exemplo, quando eles pegam sem documentos os que já são conhecidos ou já assinaram uma ficha. Pode ser que façam o flagrante e deixem o travesti preso três dias ou mais. Isso é quando eles querem demonstrar mais trabalho, porque os delegados têm uma cota de trabalho a apresentar.

Trevisan — **Quer dizer que enquanto não preencherem a cota deles, não param de prender.**

Tatiana — Eu posso contar o caso de um flagrante que aconteceu comigo, por suborno, uma coisa que eu nem sabia da existência. Eu só sei que cheguei na delegacia e assinei papel, papel, papel...

Flávia __ É que naquele tempo eles pagavam a gente na avenida e a gente dava 50 cruzeiros, 100 cruzeiros e ia embora pra casa, né?

Tatiana __ Estava eu e uma amiga, demos 50 cada uma, e sabe onde a gente foi parar? Na Casa de Detenção. Fiquei passada! Só aí eu fiquei sabendo que existia uma coisa chamada "suborno à autoridade"; porque normalmente a gente dá dinheiro, mas eles acham pouco, então vira flagrante.

Flávia __ Uma vez me pegaram na Avenida República do Líbano, tiraram 50 cruzeiros e me soltaram lá em Moeda. A Garra faz isso. Além de tirar o dinheiro, leva a gente e solta.

Alice __ É, dificilmente quem tem dinheiro vai parar na delegacia.

Jorge — **Depois do Erasmo diminuiu a perseguição?**

Tatiana __ Olha, ultimamente, sim, diminuiu muito, está devagar. Eles não estão dando aquela pressão direta, com a finalidade de pegar. Se estiver de bobeira, aí sim, eles levam mesmo.

Darcy — **Eles teriam um prêmio pelo número de prisões?**

Alice __ Ah, sim. No tempo de Erasmo saía assim:: "o distrito tal foi o campeão neste mês..."

Jorge — **Quer dizer que quando não tem travesti pra prender eles devem até inventar.**

TRatiana __ Exato! Tinha um tira que vinha até de aleijado, ele se disfarçava: a gente podia subir nas paredes, entrar nos bueiros, e ele vinha atrás e pegava. Triste, sabe? Vinha de qualquer jeito: na ambulância, empurrando carrinho de vender café, como sorveteiro... Às vezes a gente estava parado esperando ônibus; a porta do ônubus se abria e quem descia? Ele! É muito conhecido esse policial, já saiu no jornal e tudo, o nome dele é **Careca**. Agora ele está no Tático Móvel; teve um travesti que jogou o carro em cima dele.

Darcy — **Alice, uma pessoa conhecida minha foi ontem, acompanhada de uma colega que foi roubada, à 3ª delegacia. E lá notou violências incríveis contra pessoas que estavam chegando __**

→

ENTREVISTA

presos, etc.; eu pensei que com toda essa onda que se faz em torno da moralização da polícia eles estivessem mais cuidadosos, mas esta pessoa viu agressão mesmo, por lá. Eu perguntaria o seguinte: isto é uma espécie de confrontação de forças, talvez, porque se uma parte demonstrar fraqueza a outra domina? Você acha, como pessoa que conhece o setor, que isso pode ser resolvido de uma maneira civilizada?

Alice — Eu acho é que as pessoas podem moralizar, enfim mudar tudo isso aí, simplesmente não fazem nada, não investigam. O juiz corregedor, Renato Laércio Talli, é pessoa de muito boa vontade, mas ele é um só. Os outros juízes são muito acomodados. Os promotores, idem. Eu faço mesmo uma denúncia contra os promotores, que estão ganhando do povo para fiscalizar a polícia e não fazem; são muito boa vida, sabe? Mesmo os delegados; eles poderiam fazer alguma coisa — afinal, são bacharéis. Mas não, deixam tudo nas mãos dos investigadores. Então, o que vemos, geralmente, são casos de pessoas que morrem de tanto apanhar nas delegacias; o caso do Robson — estamos até com assistentes da Promotoria, pelo Movimento Negro: eles deviam investigar, descobrir os responsáveis pela sua morte na delegacia, mas não, simplesmente mudam o delegado, o investigador, e pronto.

— Quer dizer, a Corregedoria de Polícia também é muito mole. Fica tudo em família, eles se sentem acobertados. E depois, essa arbitrariedade que nós tivemos aí de 15 anos, esses atos de violência, isso de certa maneira incentivou. Veja, quando havia um Fleury lá no DEIC, do Esquadrão da Morte, prestigiado pelas forças armadas, os policiais iam fazer o quê? Se o subalterno percebe que o chefe é adepto da violência, ele também se torna violento: "se até o diretor do DEIC pertence ao Esquadrão da Morte, por que eu também não posso?"

Darcy — **Você acha que pode haver uma solução, digamos, a longo prazo?**

Alice — Acho que sim. Depende de se cobrar mais dessa turma. Eu diria que a sociedade civil, que durante esses 15 anos viveu com a boca calada, agora está tomando uma posição.

Trevisan — **Mas depois do julgamento de um Doca Street, que não é exatamente um Fleury, não há como fazer uma pressão direta.**

Alice — Nós estamos falando de uma violência institucionalizada.

Trevisan — **Mas o que eu quero dizer é que a justiça está no mesmo nível dessa violência, ela está institucionalizando a violência de um Doca, por exemplo.**

Alice — Aí é a própria organização jurídica. Existe o tribunal do júri e os jurados decidiram daquela maneira. É a própria organização que permite um troço desses. Aí c.itra também o poderio econômico, quem tem dinheiro para contratar um advogado como o Evandro. E então você vê o que acontece.

Glauco — **Bom, então voltemos ao caso dos travestis que não têm condições.**

Jorge — **Há uma diferença de tratamento entre prostitutas e travestis? Quer dizer, há mais perseguição, no caso, pelo fato de ser travesti?**

Flávia — Lógico! É pior com o travesti. Eles vêm e pegam a gente, porque o travesti é marginalizado. É um marginal: "Ela rouba, vamos pegar ela". Mulher, não; é mais liberada, anda assim à vontade, enquanto a gente...

Tatiana — O certo é que a gente corre, enquanto a mulher não precisa correr...

Jorge — **... O fato de ser mulher é perdoável. Eventualmente, arrisca até uma relação.**

Glauco — **Não tem nenhum lugar em São Paulo onde vocês possam ficar tranqüilos?**

Tatiana — É jantando, é andando, isso depende da sorte e do santo pra proteger.

Alice — Eles não têm horário. Outro dia eu estava descendo a Rego Freitas, e tinha um carro da Garra que passava, dava a volta, subia e descia novamente. Garra é Grupo Armado de Repressão a Roubos e Assaltos; foi uma criação do Erasmo Dias para assaltos a bancos; não sei por queeles estão agora na repressão aos travestis.

Flávia — A Garra, ali na Rego Freitas, geralmente não pega a gente; quem faz isso é a Veraneio amarela, do DEIC.

Tatiana — Mas o certo mesmo é a Seccional, que pega a gente em tudo o que é lugar; ela também é do DEIC. Mas o pior é o 3º Distrito. Eles estão pegando muito dinheiro, ultimamente...

Alice — Eles sempre pegaram dinheiro. Nunca se transferiram porque inclusive, aqueles prédios, ali perto, são de prostituição, de alta rotatividade. E o que eles ganham com isso...

Trevisan — **Mas onde é mesmo o 3º Distrito?**

Alice — Na Rua Aurora. Em plena boca.

Jorge — **A gente chega à conclusão que a marginalidade, para sobreviver, passa a sustentar os próprios órgãos repressores, não é?**

Trevisan: **É: a marginalidade sustenta a repressão.**

Glauco — **Eu queria voltar atrás: que eles detalhassem um pouco mais o que acontece quando são presos. Se sofrem maus-tratos...**

Jorge — **Corre uma fama de que travesti está sempre carregando gilete, canivete...**

Flávia — Maus-tratos só quando a pessoa é escandalosa; aí, já chega lá levando pancadas. Olha, eu vou ser sincera: tem certos travestis que colocam peruca só para roubar...

Tatiana — Tem certos travestis que são uma calamidade pública, que deixam a gente revoltada, porque está ali, mas não tem nada de travesti...

Flávia — ...Nem homossexuais são. Mas também é culpa da polícia, por causa da revolta que essas pessoas sentem, por causa da cadeia. Eu não tenho de que me queixar: quando é cana é cana, quando tem que dar pinote, eu corro. Já fui atropelada, mas tudo numa boa; já me levaram dinheiro, já aconteceu de fazer um acordo com eles pra dar dinheiro e nunca mais ver a cara deles... Já aconteceu muita coisa comigo, mas tudo bem.

Trevisan — **Quantas vezes vocês foram presos?**

Flávia — Ah, não dá pra contar assim — acho que duas vezes. Eu fiquei lá no presídio do Hipódromo (**n. da r.: este presídio, após um motim no dia 12.11, foi desativado devido às suas péssimas condições**).

Tatiana — Eu também fui presa poucas vezes: umas dez. (**Risadas**)

Trevisan — **E você acha pouco?**

Tatiana — Em vista das outras, que vão todo dia... Tem bicha que já foi presa mais de cem vezes!

Flávia — Ih, eu conheço o 4º distrito, o 3º, o 27º, tantos...

Darcy — **Dentro das delegacias e depois, nas prisões, vocês sofrem ataques sexuais? Dos presos ou dos policiais?**

Flávia — às vezes o policial exige que a gente faça sexo pra soltar a gente. Com a polícia, com o carcereiro, com o... O carcereiro é quem solta, então eu tive que fazer muito programa pra ele me soltar. Aliás, não foi programa, foi assim um meio-programa, um meio termo de sexo. (**Risadas**). Muitas vezes, levam a gente pras quebradas, e depois soltam. Não só eu: várias amigas vão juntas. E tem quatro policiais, geralmente. Eles escolhem quatro travestis, soltam as outras, fazem a festa e tchau. Às vezes, a gente está preso na cela, e aí vem um deles pra ver o tamanho do...

Alan — **De que? Do seio? Do sexo?**

Flávia — Não, do pinto...

Glauco — **Agora isso de você ficarem presas e serem obrigadas a trabalhar na cadeia, lavarem privadas, essas coisas...**

Jorge — **As celas são coletivas? Quantas pessoas tem?**

Flávia — Ah, eles põem bastante, até cem juntas. É uma cela pequena. Lá no Hipódromo eu fiquei com um menino e mais três travestis. O menino deu uma de bicha pra ficar com a gente; pra se proteger, porque tinha uns carinhas a fim de pegar ele pra comer, e ele tinha medo.

Glauco — **Que idade tinha o menino?**

Flávia — Dezessete anos. Bonitinho mesmo, tipo boyzinho, sabe? Eles adoram boyzinhos, os presos.

Darcy — **E depois ele se relacionou sexualmente com vocês?**

Flávia Nossa! Cada dia com uma... No 3º distrito jogam a gente com malandros, e os malandros chegam lá e se aproveitam da gente. Claro, tem travesti que é louca, adora malandro e tudo. Mas a gente tem que entrar lá quietinha, porque eles pegam e falam, "Vem cá, é você mesmo: você vai ser minha mulher esta noite." E a gente tem que fazer tudo, né?

Tatiana — Olha, eu estive na Detenção, e lá não tive contato com ninguém. Fiquei uns 15 dias, numa cela separada. Quer dizer, numa cela de travestis, tinha uns cinco ou seis, a gente se encontrou lá.

Glauco — **Vocês se mantêm só com a viração?**

Trevisan — **Dá pra falar mais ou menos quanto vocês faturam?**

Flávia — Eu vivo só de viração. Tem dia que a gente ganha bem, tem dia que ganha mal. Esta semana ficou ruim.

Tatiana — Geralmente a gente leva um papo "Quanto é o programa?" É tanto. "O que você faz?" Ah, tudo o que você quiser eu faço. Sou completo. Daí, a gente pede 300, 400 cruzeiros Agora tem muito travesti que faz a linha "varejão": 100, 150 cruzeiros. Lá na Major Sertório é tudo varejão...

Flávia — Por 100, 150 cruzeiros é aquele programa bem rapidinho: chegou, tirou a roupa já vai...

Jorge — **Vocês precisam de muita assistência médica?**

Flávia — Não. Olha, eu deposito o dinheiro todo que eu ganho. Estou fazendo meu pé de meia, meu bem, enquanto sou nova. Eu quero ter o meu futuro. E quando eu tiver 30 anos? De que adianta ser fina e não ter dinheiro no banco? Eu não, eu penso. Quero ter minha casa, entende?

Darcy — **Escuta, você me disse que mora na Santa Efigênia...**

Flávia — É, eu moro num quarto de um apartamento, eu e mais outra. Pago 2500 cruzeiros pra morar. Eu moro sozinha, ela também.

Darcy — **Você tem alguém que lhe explora?**

Flávia — Não. Tive um caro por oito meses, mas ele me ensinou a viver. Eu sou um solitário, não posso ter homem, entende? Posso curtir, assim, mas não pra ficar comigo: só vou por dinheiro. Fiquei revoltado. Você sabe quando um cara passa você pra trás? Ele tirava muito dinheiro, mesmo. Eu saía seis, sete horas da noite, depois do trabalho na casa de família; voltava à meia-noite e entregava o dinheiro todo, uns 600 cruzeiros limpinhos pra ele.

Jorge — **E isso é comum entre os travestis?**

Flávia — Não é não, mas tem algumas que dão, sim. Eu não dou, porque aprendi a viver com esse cara. Homem é atraso na vida da gente.

Jorge — **Pinta muito homem casado?**

Flávia — Pinta demais, e novinhos também, que todos eles são mais homossexuais que a gente. Tem uns que chegam e ali mesmo, na hora, querem saber se o pinto levanta, senão eles não querem; porque tem travesti que não levanta.

Tatiana — A gente tanto é homem como mulher: as duas coisas.

Jorge — **Agora, acontece mesmo de homem que acha que vocês são mulheres, que não percebe?**

Flávia — Ah, tem. Muitas vezes a gente sai pra fazer um chupetinha, uma assim bem rapidinha: os caras pensam que é mulher. Se percebem, na hora que põem a mão, dão um pulo, jogam a gente pra fora do carro...

Tatiana — Olha, pra mim, todo o mundo sabe que é travesti. Todo o mundo, não tem essa. É mentira tudo o que eles dizem, falam como se estivessem assustados, "ah, pensei que você fosse mulher", mas o pinto não baixa não (**risadas**). Quando ele quer mulher, quer mulher, não sai com travesti. Qualquer homem sabe que é um travesti.

Darcy — **Uma pergunta de ordem técnica: Flávia me disse que colocou silicone por uma questão profissional.**

Flávia — É, pra ganhar mais dinheiro.

Darcy — **Flávia tem seios de silicone, Tatiana não tem. Você acha que isso ajuda?**

Tatiana — Olha, eu acho que é uma boa ter busto, apesar de que todos os homens sabem que é silicone; tudo o que acontece com o travesti eles sabem: que a xoxota de operação não é igual à da mulher... Ninguém é otário; claro que às vezes pinta aquele baianão bobo, e tal. Mas prum cara entendido, o peito não funciona para o que ele está procurando. Tanto que se eles sabem que a gente está cheio de hormônios, não pegam a gente, porque sabem que o hormônio tira a nossa potência.

Glauco — **Eu gostaria que Tatiana também contasse sua história.**

Tatiana — Eu não comecei cedo, não. Tinha muito medo, foi só depois dos 20 anos. Apesar de nunca ter tido atração por mulher, de jeito nenhum. Tinha assim algumas meninas que vinham na onda de gostar de mim, mas não dava pé, não: viravam logo amigas.

Jorge — **Eu acho que você deve ser mais romântica que a Flávia.**

Tatiana — É, eu sou de Peixes, né? A Flávia é puta mesmo. Eu sou mais quieta.

Jorge — **Você também acha que homem só é bom quando paga?**

Tatiana — Não, a gente precisa de uma companhia. Ah, eu não sei, eu tive um namorado, durou quatro anos. Eu gosto de casa, de comida, já parto pra outra, não gosto de ser puta, puta, puta. Eu ganho só o suficiente pra me manter, sabe?

Jorge — **Você não acha que economicamente tem mais riscos que a Flávia, que sendo mais calculista tem mais chances na sociedade em que a gente vive?**

Tatiana — Olha, eu penso em tudo isso, sim, mas acho que o mais importante é a gente viver, sabe? Eu vivo cada momento como se fosse o último. Eu gostaria de ter um caso definitivo. Esse cara com quem eu namorei, a gente se gosta ainda, sai, passeia, vai pro hotel, mas a gente briga.

Jorge — **Tem entre vocês alguma que já tenha pensado em sindicato, alguma coisa legal?**

Tatiana — Não, ainda não deu tempo pra pensar nessas coisas.

Alice — Vocês não têm uma espécie de segurança? Assim como uma avisar pra outra quando pinta a polícia, essas coisas?

Tatiana — Bem, a gente dá um toque quando eles estão no pedaço, né?

Jorge — **Alice, há quanto tempo você está no XI de Agosto?**

Alice — Olha, de 68 a 70 eu fui estagiária. Fiquei seis anos na faculdade porque odeio Direito Comercial e me bombardearam em Direito Comercial. Então, até que foi bom, porque fiquei mais um ano no Jurídico. E de 72 pra cá estou como orientadora.

Jorge — **Nesses anos todos, em relação a atravestis e homossexuais, tem assim uma grande vitória sua em termos legais?**

Alice — Eu acho que sim: foi com o habeas corpus preventivo. Vários travestis já possuem isso. Saiu até uma na Manchete — era uma japonesa, a Yoko. Com aquele documento, dado por um juiz, eles podem andar livremente na rua, a política não pode molestá-los. Agora eu sei de policiais que pegam o habeas corpus e rasgam. Mas geralmente os travestis andam com uma xerox.

Tatiana — É, isso funcionava. Mas a verdade é que Yoko não arriscava muito; qualquer coisa, ela entrava dentro do carro dela, tá?

Alice — Num sistema onde o Direito fosse respeitado, teria que funcionar, mas aqui...

Trevisan — **Aparecem muitos travestis lá no Departamento em busca de ajuda?**

Alice — Às vezes aparece mais. Na época de Erasmo, por exemplo, ia muito. Agora decresceu um pouco. Mas quando um deles fica preso mais tempo, então alguém sempre se lembra: "Ah, tem aqueles advogados..." A gente entra com o habeas-corpus, que nem sempre funciona. É muito bonito, mas...

Flávia — Não funciona porque eles dão sumiço na gente pra arrancar dinheiro, fazer chantagem.

Alice — Não funciona porque tem 50 delegacias e elas informam ao juiz que o preso não está lá. Agora se o juiz fosse mais peitudo, diria: "Não, vocês têm que me entregar, tem que estar aí". Também neste sentido eu culpo muito o juiz e o promotor. Culpo mesmo, sabe?

Darcy — **Vocês são assediados por vendedores de tóxicos? Eles procuram vocês, pelo fato de serem marginalizados pela sociedade, perseguidos pela polícia e tudo? Eles acham que vocês são campo fácil?**

Tatiana — Não. Quem transa maconha, tóxicos, já sabe o lugar onde vai buscar. Eles não vêm muito. Podem vir assim, pra dar uma **presença**, fazer a cabeça, curtir uma; mas dar em cima da gente só porque somos travestis, não. Lá na Rego Freitas tem muito, mas...

Alice — Mas há o perigo de os policiais querer enrolar vocês com tóxicos?

Flávia — Ah, isso tem, sim.

Tatiana — Uma amiga minha caiu nessa com um tira do DEIC; ela teve que dar nove mil cruzeiros pra ele.

Glauco — **Tatiana disse que os malandros são mais cavalheirescos, respeitam mais. Você acha que o malandro é melhor que o policial?**

Tatiana — Lógico! Eles tratam a gente como mulher!

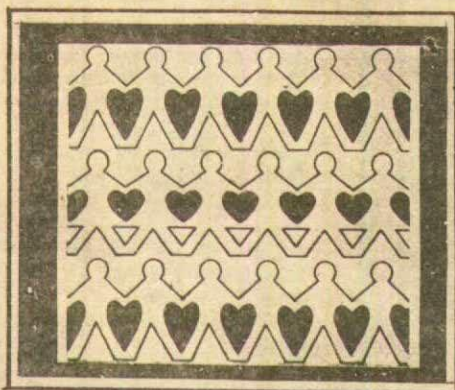
Flávia — Você acha, é? Pois eu acho que às vezes sim, às vezes não...

ATENÇÃO BICHAS, LÉSBICAS, TRAVESTIS, NEGROS, OPERÁRIOS, PRISIONEIROS E TODO MUNDO QUE ESTIVER NA PIOR: precisando de advogado é só ir ao

DEPARTAMENTO JURÍDICO DO CENTRO ACADÊMICO XI DE AGOSTO

Praça João Mendes, 62, 17º andar São Paulo, SP

telefones: 257.5360/239.0186/35.3305

Atende das 9,30 h às 17,00, todos os dias excetos sábados e feriados.

O Movimento Louco-Lésbico da França

(OU BICHA COM BICHA *NÃO DÁ* LAGARTIXA)

Conheci Patrick através de uma amiga dona de livraria, que vende freneticamente toda a nova literatura sexual publicada na França. E através de Patrick, encontrei todos os poucos integrantes desta Mouvence Folle-Lesbienne, criada em Aix-en-Provence há coisa de um ano. A Mouvance Folle-Lesbienne (Movimento Louco-Lésbico? Não sei se é a melhor tradução) apresenta-se como "um grupo de homossexuais masculinos que não gostam dos homens", mas é, na verdade, o ponto a que chegaram atualmente os homossexuais franceses que, há uma década, vêm tentando encontrar a maneira ideal, ou a palavra certa, de se manifestar numa sociedade falocrata e impotente, como disse um deles.

Os rapazes do grupo chegaram de outros movimentos falidos e aportaram em Aix-en-Provence vindos de pontos diferentes da França. Mas esta cidade é realmente um grande centro de atração: pequena, rica, intelectual, e a dois passos da feiota e desdenhosa Côte d'Azur. É o cenário perfeito para qualquer imaginação mais fértil: com seus 140 mil habitantes, há dois grupos homossexuais masculinos, dois grupos de lésbicas, outros grupos feministas e, vejam só como é a vida, uma tentativa de se formar um grupo *masculinista*, por assim dizer, para discutir a sexualidade masculina.

Mas nem por isto é primavera. Pelo contrário, os grupos franceses já não tentam nem querem esconder a desilusão. A política, o engajamento, o humanitarismo são visão enganosa dos problemas do mundo ou então são coisa de país subdesenvolvido mesmo. O filme *Coração de Vidro*, de Herzog, explica isso muito bem: uma vez perdida a fórmula secreta, os povos entram em transe hipnótico e não dão conta de enxergar um palmo à frente do nariz. Ficam rodando em círculo e desprezam o que, mesmo por pouco tempo, tenha lhes dado prazer e razão de ser.

Nessa entrevista, que durou uma tarde inteira regada a chá, mas que resultou em pouca fita, falaram principalmente Hènri Amouric, o secretário-geral do grupo, e Patrick-femme-sans-visage, uma espécie de mentor intelectual. Mas estavam todos presentes: Christian, os dois Gregoire e Vaido. Além do LAMPIÃO, por mim representado (*Alexandre Ribondi*).

Patrick — Bom, estamos escutando a Rádio Brasil...

LAMPIÃO — Tem uma coisa que eu gostaria que vocês me explicassem: isso de serem homosexuais que não gostam de homens.

Patrick — Os homens são pesados, são reprimidos, são... isso está me saindo grosseiro. Por que a gente não começa de outra maneira? Vamos começar pela história do movimento homossexual em Aix.

Henri — Tem o FHAR (Frente Homossexual de Ação Revolucionária). Em 1972, um anarquista homossexual, que não se dizia homossexual, aliás, mais duas bichas, um da esquerda tradicional, decidiram criar em Aix-en-Provence um grupo local à imagem do que já sido feito em Paris meses antes.. Devia funcionar como em Paris, algo bem informal e teoricamente não estruturado, funcionando apenas em assembléias gerais. Mas não era um grupo oficialmente declarado em Aix-en-Provence. Em Paris o FHAR era declarado como Frente Anti-Racista, porque o proselitismo homossexual cai sempre nas malhas da lei francesa: é proibido fazer propaganda em favor dos homossexuais, oficialmente. Na época, então, a lei era mais severa, de forma que o FHAR tinha uma razão social artificial e, na realidade, era uma outra coisa.

Em Aix a coisa deu certo bem depressa, com um modelo parisiense bem terrorista, terrorista entre aspas, claro, a gente não jogava coquetel Molotov nas pessoas mas era bem anti-heterossexual, de certa forma, fazíamos muita provocação. Neste primeiro ano, descíamos o Cours Mirabeau de mãos dadas, de vestido espanhol, muitos paetês, você está entendendo? Coisas que mesmo hoje a gente não faz mais, por exemplo. Foi uma época muito esquerdista.

Mas não era só isto. Agíamos bastante na faculdade, certa época promovíamos encontros semanais e alguns *stands* também, com literatura homossexual, alguns livros, e sobretudo com os jornais que surgiram, como o *Fléau Social*, *Les Rapports contre la normalité*, que é o livro de base, publicado pela FHAR de Paris. E espalhávamos panfletos, cartazes bem provocadores, no gênero "Ultrabite, a vaselina com sabor selvagem". Não sei se você conhece o dentrifício Ultrabite que tinha, na época, um slogan que dizia "Ultrabite, o dentrífício com sabor selvagem" (*n. da : bite é o palavrão francês para pênis*). Tinha também um texto de Sade que reproduzámos sobre os muros da cidade. Um texto onde ele justifica a sodomia pela forma do ânus e do sexo masculino, alegando que um troço redondo é normal que receba um objeto redondo e que uma vagina, que não é redonda, não tem nada a ver. Enfim, coisas bem provocadoras e, efetivamente, fizemos muito escândalo. Usavamos *spray* para escrever nas paredes.

Patrick — O que acabou dando em processo...

Henri — Exato. Eu e um amigo tivemos um processo judicial por escrever nas paredes. Fomos pegos justo quando escrevíamos "Viver Livre", assinado FHAR. Fomos condenados com *sursis*. Pegamos uma espécie de multa de quinhentos francos, pouca coisa. Tínhamos um pistolão, como se diz, e por isso a coisa não engrossou.

LAMPIÃO — E, passada a época esquerdista, o FHAR acabou?

Henri — Sim, dissolveu-se pouco a pouco, mas, de qualquer forma, foi aqui que ele mais durou, em toda a França. Porque em Paris, houve uma divisão entre as loucas, as gasolinas, completamente histéricas, e os homossexuais militantes tradicionais, de esquerda, ou então que vinham de organizações esquerdistas, que falavam das bases operárias, da luta comum com o proletariado, da convergência de luta com as feministas. Tivemos muita dificuldade com as organizações de esquerda, a propósito. Você nem perguntou, mas eu digo. E tivemos dificuldades com as organizações feministas. Com os esquerdistas porque ouvíamos muito o seguinte discurso: vocês são anormais, produtos da burguesia decadente.

LAMPIÃO — *Este refrão é bem conhecido...*

Henri — Para eles não há homossexuais no proletariado, com exceção do proletário pervertido, claro. E as feministas soltavam o seguinte discurso: "O homossexualismo é anormal, vão se curar!" No início era bem isso. Ou "não se deve confundir feminismo com homossexualismo, são duas coisas bem diferentes, não confundam alhos com bugalhos". Eram discursos morais, que nos rejeitavam, tanto dos esquerdistas quanto das feministas. Tivemos muitas discussões com a esquerda e, fazendo uma análise, foi esta a grande realização do FHAR: fazer os esquerdistas mudar de posição. Todos os grupos de extrema esquerda foram obrigados a mudar de posição e esta é a obra do FHAR. Houve uma época em que a gente quase saiu no pau mesmo. E como havia homossexuais entre eles, a gente usava isso para sacudir suas bases.

E também quanto a isto de que não há homossexuais entre os proletários, citávamos as estatísticas do Ministério do Interior francês, que indica uma maioria de operários e camponeses entre as pessoas que têm processos por atentado à moral e aos bons costumes — homossexuais, enfim. E pouco a pouco eles foram obrigados a mudar de posição. E as feministas, bom, aí a coisa foi mais simples, porque elas não puderam negar por muito tempo que tínhamos um inimigo comum, a falocracia. Foram levadas a ser tolerantes, e nos aceitar.

Então, a partir do ano seguinte todas as manifestações de Primeiro de Maio a gente fazia em companhia dos grupos feministas, que eram quem, na verdade, nos protegiam do CGT (Central Geral de Trabalhadores), cujo pessoal queria nos quebrar a cara. Mas Aix é uma cidade um pouco diferente: pequena, tradicional mas liberal, intelectual, uma cidade de universitários, e nós aproveitamos esse aspecto para agir e nos desenvolver. Porque em Marselha, por exemplo, os homossexuais se manifestaram pela primeira vez no ano passado, enquanto aqui em Aix a gente nem se manifesta mais. Há um desequilíbrio muito grande, porque na maioria das cidades francesas os homossexuais começam a encarar uma possibilidade de grupo, enquanto que em Aix, uma cidade pequena, isto não se faz mais. O Primeiro de Maio já não nos interessa.

LAMPIÃO — *E você, Henri, é o único da Mouvance que vem do FHAR?*

Henri — Sim, o único.

Patrick — Não, eu também fiz parte, mas bem no finzinho.

LAMPIÃO — *E as loucas onde estão?*

Henri — As loucas eram completamente nihilistas, terroristas, contra toda forma de organização mas, por outro lado, eram incapazes de propor qualquer outra coisa. Havia, enfim, a Suruba das Belas Artes; as reuniões finais do FHAR eram na Escola de Belas Artes e, com o tempo, tornaram-se a maior suruba da França. E tudo terminou.

Patrick — E *Les Mirablles Girls*, este grupo de espetáculos aqui de Aix, passou todo ele pelo FHAR. Criaram o grupo de travestis que se apresenta por toda a França.

LAMPIÃO — (Vítima de incontrolável arroubo nacionalista) *Eles são um pouco como o Dzi Croquettes, não são?*

Patrick — Menos conhecidos que os Dzi Croquettes. Os Dzi Croquettes são menos políticos, fazem mais espetáculos, enquanto que as *Mirabelles* fazem política no palco. Política entre aspas, claro. Resquícios do FHAR, apesar de tudo.

LAMPIÃO — *Depois do FHAR surgiu o Sexpol?*

Patrick — Foi. No FHAR não havia mais ninguém. Eu, na época, era bissexual (*Suspiros; comentários; "quelles horreur", disse um*). Eu queria amar todo mundo. Reunimo-nos para criar o Sexpol, com base na ideologia reichiana, a sexualidade política. E o pessoal do FHAR dizia, "enfim, por que não? Depois de tudo, porque no estado em que já chegamos, até que seria interessante analisar as bichas enrustidas, por exemplo, que poderiam partir para uma outra organização mais especificamente homossexual". Então começamos a discutir com os heterossexuais, com as moças, com os rapazes. Chegamos a publicar um manifesto, E havia também um Grupo de Liberação Homossexual e com ele fizemos a última manifestação do Primeiro de Maio com a Bandeira Sexpol-GLH. Ainda era uma época muito radical e não especificamente homossexual. Surgiu daí uma revista, publicada até hoje, chamada *Sexpol*, de Paris.

LAMPIÃO — *O nome "Sexpol" me desagrada, porque só me faz pensar em polícia. Em uniforme, é isto, "Sexpol" me faz pensar em uniforme.*

Patrick — E depois, Reich não é exatamente pró-homossexual. Coisa importante foi a greve da faculdade de economia da universidade de Aix. Descobrimos que servíamos mais à liberação heterossexual que à liberação homossexual propriamente dita. Muitos heterossexuais vinham nos ver para se dizer não-falocratas, e os homossexuais que chegavam iam embora logo em seguida, com medo de tudo aquilo. Após a greve evacuamos os heterossexuais do grupo, havíamos decidido que éramos definitivamente homossexuais e que viveríamos entre homossexuais, o que não ficou muito claro porque há um bocado de bichas que paquera heterossexuais; eu mesmo paquero.

Henri — O importante nesta greve foi que nós pela primeira vez pudemos chegar perto do poder

— HOMEM COM HOMEM! ME DIGA UMA COISA, QUERIDA: ONDE É QUE ESSE MUNDO VAI PARAR?

ENTREVISTA

"UMA VEZ QUE DERRUBAMOS O MURO DO DESPREZO, SOBROU O MURO DO DESEJO. FOMOS COLOCADOS EM UM PEDESTAL E NOS TORNAMOS COMPLETAMENTE INACESSÍVEIS. A SITUAÇÃO TORNOU-SE INSUPORTÁVEL."

numa instituição como a Faculdade. Durante três semanas ficamos lá dentro. Foi importante.

Patrick — Formamos uma pequena comissão que se chamava Educação e Repressão Sexual, que foi a que reuniu mais estudantes. Editamos uma carta. Foi um sucesso.

Henri — E o que aconteceu de curioso foi que as palavras que saíam de nossos lábios tornaram-se realmente a bíblia, a nova bíblia, mas na verdade servíamos para consertar casais heterossexuais, para separar os que não podiam viver juntos, para dar argumentos às damas que queriam abandonar os maridos. Acabamos de saco cheio. Porque, veja, uma vez que derrubamos o muro do desprezo, sobrou o muro do desejo. Fomos colocados em um pedestal e nos tornamos completamente inacessíveis. O que era a melhor maneira de nos rejeitar, pensando bem. A situação tornou-se insuportável, então. Mas serviu para que nós déssemos conta de que nada havia mudado, apesar de todo um trabalho bastante militante, tradicional mesmo.

Patrick — E o que podemos dizer de tudo agora é que esta experiência nos levou a querer viver entre homossexuais. Eu pelo menos senti assim, porque eu não era nem especialmente comunista nem especialmente situacionista. Preferi desfilar junto com os anarquistas nas manifestações de Primeiro de Maio, com cartazes que gritava, "Viva a Preguiça" e coisas do gênero.

Henri — O Patrick não era nem situacionista nem comunista, era marciano...

LAMPIÃO — Nesta cova que estamos abrindo o situacionismo também morreu, não é? Não se fala mais nisto, enquanto em 1975 tinha até uns filmes situacionistas bem engraçados.

Patrick — É, não existe mais, se bem que ainda existem uns indivíduos bem engraçados que batem as pernas em nome do situacionismo. São sempre uns oito ou dez, grupos fechados. Enfim, eu acho que há uma ligação muito forte entre os homossexuais e os situacionistas, porque houve até uma revista, Fléau Social, de linha situacionista.

LAMPIÃO — E a Mouvance? Existe desde quando?

Patrick — Tem coisa de um ano, acho. Olha, o que acontece é o seguinte: nós nos separamos dos heterossexuais e em seguida, com a Mouvance, vamos nos separar dos homossexuais sérios.

Henri — É o perigo da especialização, que acaba sem ter com o que lidar.

Patrick — Começamos durante as eleições municipais e lançamos uma carta anti-heterossexual. A coisa no início era uma farsa, mas depois vieram a televisão e o rádio, porque estávamos provocando um escândalo. E foi então que a gente disse: "E por que não? Já que tivemos publicidade gratuita, vamos formar um novo grupo". Em seguida, durante a primeira semana de cinema homossexual em Paris nós expusemos nossos pontos de vista, o que acabou provocando um encandalozinho também, porque as bichas da capital também são esquerdistas.

Acontece, enfim, que muitos homossexuais levam uma vida muito séria gostam de esporte, esqui, estas coisas de homem forte. Bom, uma análise mais fria pode me mostrar que isso é apenas um outro modo de vida, claro, mas o que nós queremos dizer com o nosso nome Louca-Lésbica é algo como "mulheres entre si", em oposição ao "homens entre si" que seriam os "homossexuais". Nossa luta não é essencialmente legal, apesar de já haver uma solidariedade sindical, já que somos considerados homossexuais também pela lei. Preferimos uma luta quotidiana.

Henri — Eu, por exemplo, não entro nesta de ser a mulher de um homem. Quero ser louca, e não mulher.

LAMPIÃO — Você quer ser a louca de um homem, e não o homem de um homem. É isto?

Henri — Não: quero ser a louca de uma louca.

LAMPIÃO — Em tudo isto sobra espaço para outras lutas, outras reivindicações?

Patrick — Eu não gosto de ser obrigado a ser esquerdista. Isto é muito humanitário, não tem nada de homossexual nestas lutas.

LAMPIÃO — Bem, é possível ser homossexual e pessoa como qualquer outra.

Patrick — Não, não, eu não sou uma pessoa, eu não sou um povo, eu sou homossexual. E louca.

LAMPIÃO — E no entanto, você fala francês, você é francês até fisicamente, alto e louro, você não sabe nada dos outros países, pelo menos não tanto quanto você conhece as coisas francesas. Então, você não pode negar que é um povo.

Patrick — Sim, mas daí a lutar ao lado dos homens por razões humanitárias, você é obrigado a pôr uma cargaça de homem.

LAMPIÃO — Mas você não precisa pôr de lado sua condição de homossexual. Aliás, não pode deixar que esqueçam, em momento algum, que você é um homossexual. Mas enfim, vocês acabaram, no momento, não me respondendo o porquê do ódio contra os homens. Ah, não, vocês já responderam sim.

Henri — Respondemos sim. E quanto a isto, quero acrescentar que eu procuro dizer não às minhas fantasias sexuais porque eu sei que estas fantasias não me pertencem. Foram fabricadas pela sociedade e impostas a mim. Por isso tento me livrar delas. Estas fantasias me mantêm prisioneiro de um certo desejo, ou mesmo da noção deste desejo, e, pelo menos do ponto de vista teórico e também na nossa vida quotidiana no máximo, tentamos nos desembaraçar destas fantasias, da imagem social do homem. Tentamos esquecer que o falo está em todos os lugares e também em nossas cabeças, portanto, a concepção louca nos tornaria capazes de desvirilizar o universo inteiro.

Patrick — É isto: procuramos uma expressão política da louca, que tenta viver sem homem, sem o Bofe. E sabemos que é a primeira vez que se tenta isso.

LAMPIÃO — Vocês fizeram serviço militar?

Patrick — Eu, sim: por quatro dias...

Henri — Eu, dispensado.

Valdo — Eu começo a semana que vem.

Christian — E eu em curso de licença. Deveria estar servindo agora.

LAMPIÃO — E um homossexual não é chamado para o serviço militar?

Henri — Ah, se o homossexualismo engendra uma neurose, estamos dispensados. Mas o homossexualismo já deixou de ser um motivo de reforma. Antes era sistemático — os homossexuais eram recusados. Agora, se você é homossexual e se sente bem é normal, como o nosso amigo aqui, o Valdo, você pode servir.

Patrick — Daí uma das vantagens de ser pintosa.

Henri — Sejam pintosas e escapem do serviço militar.

LAMPIÃO — Agora eu gostaria de saber como vocês chegaram a esse ponto de detestar os homens, porque isso me espanta um pouco e me deixa muito curioso?

Christian — É preciso considerar a distância entre a teoria e a prática. Se você pega individualmente cada uma destas pessoas... elas amam os homens, sim.

Patrick — Eu desejo os homens. É diferente. Mas realmente, nosso quotidiano é um quotidiano de louca, mas os desejos genitais caem sempre sobre os rapazes. Porque é como um supermercado...

Christian — O que existe, então, é a possibilidade de ser reconhecido como louca, o que não me impede de assumir um papel ativo, se for para o prazer do companheiro...

"EU, POR EXEMPLO, NÃO ENTRO NESTA DE SER A MULHER DE UM HOMEM. QUERO SER LOUCA, E NÃO MULHER". / "VOCÊ QUER SER A LOUCA DE UM HOMEM, NÃO É?" / "NÃO: EU QUERO SER A LOUCA DE UMA LOUCA".

DEIXEI O MORRO PRÁ MELHORAR MINHA CONDIÇÃO DE DISCRIMINADO! ESTUDEI COMUNICAÇÃO, FIZ ARTE DRAMÁTICA, CANTO, DANÇO E FALO INGLÊS. PRÁ NO FINAL CONSEGUIR UMA PONTA DE MARGINAL NO PLANTÃO DE POLÍCIA! PÔ!

Levi

MEMÓRIA GUEI

De alguns anos para cá, a Imprensa Brasileira tem dado um certo destaque a Questão Homossexual. Ensaios, entrevistas, matérias, reportagens e contos, têm sido publicados freqüentemente em jornais e revistas de norte a sul do país. Para que todo esse material não se perca no tempo e no espaço, o Jornal Lampião resolveu organizar uma Memória de tudo que tenha sido publicado sobre homossexualismo e as ditas minorias. Para isto, pedimos a colaboração dos leitores, que enviem-nos recortes (original ou xerox) desse material com a indicação da fonte e data de publicação.

* * * * *

LAMPIÃO da Esquina: **Caixa Postal 41.031, Rio de Janeiro, RJ — CEP 20.400.**

Conselho Editorial — Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Silvério Trevisan

Coordenador de Edição — Aguinaldo Silva

Colaboradores — Leila Míccolis, Rubem Confete, Antônio Carlos Moreira, João Carlos Rodrigues, Luiz Carlos Lacerda, Dolores Rodriguez, Aglldo Guimarães, Frederico Jorge Dantas, Alceste Pinheiro, Paulo Sérgio Pestana, José Fernando Bastos, Henrique Neiva, Mirna Grzich, João Carneiro e Aristóteles Rodrigues (Rio); José Pires Barroso Filho e Carlos Alberto Miranda (Niterói); Mariza, Edward MacRae (Campinas); Glauco Mattoso, Celso Cúri, Edélcio Mostaço, Paulo Augusto, Cynthia Sarti, Francisco Fukushima (São Paulo); Eduardo Dantas (Campo Grande); Amylton de Almeida (Vitória); Zé Albuquerque (Recife); Luiz Mott (Salvador); Gilmar de Carvalho (Fortaleza); Alexandre Ribondi (Brasília); Polibio Alves (João Pessoa); Franklin Jorge (Natal); Paulo Hecker Filho (Porto Alegre); Wilson Bueno (Curitiba); Edvaldo Ribeiro de Oliveira (Jacareí).

Correspondentes — Fran Tornabene (San Francisco); Allen Young (Nova York); Armando de Fulvia (Barcelona); Ricardo e Hector (Madri); Addy (Londres); Celestino (Paris); Anton Leicht e Nestor Perkal (Frankfurt).

Fotos — Cyntia Martins, Iara Reis (Rio); Cris Calix e Fanny, Dimas Schitini (São Paulo); Dimitri Ribeiro (Rio) e Arquivo.

Arte — Antônio Carlos Moreira (Arte Final), Nelson Souto (Diagramação), Mem de Sá (capa), Patrício Bisso, Hartur e Levi.

Revisão — Dolores Rodriguez e Gladys Pamplona.

LAMPIÃO da Esquina é uma publicação da Esquina - Editora de Livros, Jornais e Revistas Ltda.; CGC (MF) 29529856/0001 — 30; Inscrição Estadual, 81.547.113.

Endereço — Rua Joaquim Silva, 11, s/707, Lapa, Rio Correspondência: Caixa Postal M41031, CEP 20400, Santa Teresa, Rio de Janeiro-RJ.

Composto e Impresso na Gráfica e Editora Jornal do Commercio S.A. — Rua do Livramento, 189/4º andar, Rio.

Distribuição — Rio: Distribuidora de Jornais e Revistas Presidente Ltda. (Rua da Constituição, 65/67); São Paulo: Paulino Carcanheti; Salvador: Livraria Literarte; Florianópolis e Joinville: Amo, Representações e Distribuição de Livros e Periódicos Ltda.; Belo Horizonte: Distribuidora Riccio de Jornais e Revistas Ltda.; Porto Alegre: Coojornal; Curitiba: J. Chignone e Cia. Ltda.; Vitória: Angelo V. Zurlo; Campos: R.S. Santana; Jundiaí: Distribuidora Paulista de Jornais e Revistas Ltda.; Campinas: Distribuidora Campineira de Jornais e Revistas Ltda.; e Distribuidora Constanzo de Jornais e Revistas Ltda.; Ribeirão Preto — Centro Acadêmico de Filosofia; Juiz de Fora: Ercole Caruso & Cia. Ltda.; Brasília: Anazir Vieira da Silva, Goiânia: Agrício Braga & Cia. Ltda.; Recife: Diplomata Distribuidora de Publicações e Representações Ltda.; Fortaleza: Orbras — Organização Brasileira de Serviços Ltda.

Assinatura Anual (doze números): Cr$ 450,00. Números atrasados: Cr$ 50,00. Assinatura para o Exterior: US$ 25,00.

As matérias não solicitadas e não publicadas não serão devolvidas. As matérias assinadas publicadas neste jornal são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.